



O paradoxo de Peter Pan:

Uma discussão de luz e sombra
sobre a criança obscura de J. M. Barrie

KATHERINE
E. FRAZIER

The Peter Pan Paradox (2014)

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilíngue: PT/EN

Distribuição gratuita

mojo.org.br

**O paradoxo de Peter Pan:
uma discussão de luz e
sombra sobre a criança
obscura de J.M. Barrie**

Katherine E. Frazier

domínio ao público

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE
TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍ-
NIO PÚBLICO.

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural e seus parceiros. O objetivo deste projeto é traduzir e editar obras extraordinárias do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — e outras, que nos ajudem a entendê-las melhor — artigos, ensaios acadêmicos, teses etc. Nossas edições digitais são bilíngues e gratuitas e podem ser encontradas no site www.da-op.org.br, livres para serem compartilhadas.

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

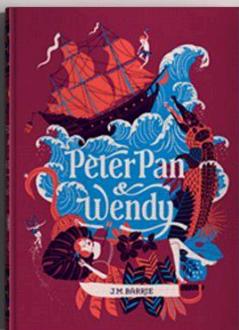
Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para outros idiomas. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. São obras que nos ensinam a entender o ser humano, seu caráter, suas falhas e nos dão um repertório enfren-

tar adversidades. Não existem melhores motivos para empregar esforços e torná-las livres da barreira da língua. A democratização do Domínio Público é um dever de todos os cidadãos, instituições e governos — no mundo todo.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

domínio
ao público



APOIE COMPRANDO OU LEIA DE GRAÇA
www.daop.org.br

O paradoxo de Peter Pan: uma discussão de luz e sombra sobre a criança obscura de J.M. Barrie

Katherine Elizabeth Frazier

Dr. Amy Billon, Dr. William Hardwig, orientadores

Tradução de Ricardo Giassetti

James Matthew Barrie inicia sua mais amada história com uma frase simples e notável: "Todas as crianças crescem, menos uma" (Barrie 1). Ela incorpora toda a estrutura da história: um menino que nunca cresceu. Desde a primeira publicação da famosa peça de Barrie, em 1928, Peter Pan tem influenciado imensamente a literatura infantil, fazendo com que a história de Barrie se tornasse um objeto doméstico comum entre crianças e adultos. Por meio de Peter, Barrie cria um personagem paradoxal ao introduzir ao leitor um menino singular que combate cotidianamente o medo e o desejo de se tornar adulto. A personalidade de Barrie lidou com esses sentimentos por toda a sua vida, manifestando-a no personagem de Peter, que declara seu ódio pela vida adulta enquanto ao mesmo tempo anseia por ela, querendo se tornar um adulto. Com isso, a história força os leitores a encararem seus próprios conflitos, pois Barrie lhes oferece uma escolha. Ele deixa que o leitor decida se concorda com Peter Pan e o ódio à vida adulta, ou se concorda com seus pais, que dizem que a vida adulta, na verdade, tem seus benefícios e precisa ser abraçada e reconhecida.

Além disso, a história também levanta a pergunta se Peter Pan encarna a escuridão ou a inocência em seu âmago, devido às suas ações e tendências do personagem. Recentemente, a série de televisão *Once upon a time* abordou essa questão ao transformar Peter Pan em um vilão que se dispõe a fazer qualquer coisa para manter sua juventude. Os

roteiristas da série lançam um novo olhar sobre o familiar personagem infantil, buscando desafiar sua origem e oferecer novos questionamentos à audiência. Minha tese abrangerá a história desse amado conto, começando por abordar a vida de Barrie com foco em como sua própria vida influenciou a história. Terminaremos comparando o Peter Pan original e sua mais recente adaptação em *Once upon a time*. Levantarei a ideia de observarmos Peter Pan como uma figura sombria, em contraste com a possibilidade de que tivemos uma visão inocente dele por muito tempo. Não apenas isso, mas mostrarei ao leitor o quanto as pessoas na vida de Barrie influenciaram seu personagem mais famoso. A vida de Barrie nos mostra como Peter Pan teve uma origem muito anterior à sua concretização como história. James Matthew Barrie, nascido em 9 de maio de 1860, tinha pais com certos ideais e padrões destinados aos seus filhos. Um desses padrões envolvia ser educado na escola, uma ideia que sua mãe acreditava ser a coisa mais importante. Sua mãe, Margaret Ogilvy (uma mulher escocesa que manteve seu nome de solteira), desejava que seus filhos se tornassem adultos bem-sucedidos, algo que todos os pais desejam para seus filhos. Mas, ainda bem jovem, Barrie não demonstrou afeição pela escola, ou mesmo brilhantismo para qualquer tipo de engajamento educacional. Isso o colocou à parte de seus irmãos, especialmente de David, que era o favorito de sua mãe, pois apresentava-se como

uma grande promessa na questão escolar. Como resultado, Barrie viveu à sombra de David, e isso afetou o modo como via a si próprio.

Embora Barrie demonstrasse certa inveja de seu irmão, na verdade David é uma peça importante na concepção de Peter Pan — tanto que alguns especulam que Barrie criou Peter por sua causa. Essa teoria se origina da tragédia ocorrida poucos dias antes do aniversário de 14 anos de David. Tragicamente, David morreu em um acidente quando patinava no gelo, o que resultou na depressão de sua mãe. Por ter morrido antes de ser um adulto, ele passou a ser visto como um alguém eternamente criança. Pelo menos, era assim que sua mãe, Margaret Ogilvy, pensava:

“Enquanto Margaret Ogilvy encontrou conforto no fato de que David, o menino morto, permaneceria criança para sempre, Barrie usou isso como inspiração. Outros trinta e três anos se passariam antes que isso emergisse na forma de Peter Pan, mas o embrião já estava plantado em sua mente e alma desde os seis anos de idade.” (Binkin 5)

A tragédia transforma para sempre uma pessoa. Embora haja alguma tragédia na história de Peter Pan, o próprio Barrie a sentiu na pele, levando-o a fazer com que Peter fugisse da vida real em sua infância. Por viver em um mundo de faz-de-conta, Peter nunca experimentou eventos trágicos reais, ou qualquer outra coisa do mundo real. A morte

de David afetou Barrie de várias maneiras, mas influenciou principalmente seu entendimento futuro de Peter Pan, criando-o como o menino que não crescia.

Mesmo com a morte de David e a ideia de nunca crescer se formando na mente, o próprio Barrie teve que crescer e assumir algumas responsabilidades. Ele percebeu como a morte de David afetou sua mãe e, por consequência, o deixou com a responsabilidade de fazê-la feliz novamente. Janet Dunbar, autora e biógrafa de Barrie, escreve sobre isso:

“Um dia ele era o irmão mais novo, barulhento e despreocupado, ainda livre das amarras do futuro, um filho livre da mãe. No dia seguinte, era o substituto de alguém que nunca poderia ser substituído, e sabia em seu íntimo que isso nunca mudaria.” (Dunbar 11)

A responsabilidade que Barrie assumiu resultou no fortalecimento de seu relacionamento com a mãe, ao passarem cada vez mais tempo juntos. Esse relacionamento especial que Barrie formou com ela o separa de Peter Pan porque Peter fugiu quando criança, sem nunca ter um relacionamento próximo com a mãe. Na verdade, ele pensava nas mães com desgosto: “Se Peter um dia já teve mãe, não sentia mais falta nenhuma dela. Estava se virando muito bem sem uma. Quando pensava sobre elas, lembrava apenas dos aspectos negativos.” (Barrie 135). Embora Peter pensasse mal das mães, Barrie gostava muito da sua, percebendo que

tinham em comum o modo de pensar e o amor pela infância. Nessa época, Barrie também passou a entender seu desejo interior de nunca querer crescer: “O horror da minha infância era que eu sabia que chegaria a hora em que eu também deveria desistir das brincadeiras, e eu não entendia como isso poderia ser feito... senti que deveria continuar brincando escondido” (Barrie 17). Barrie adorava jogos, aventuras e viver sem preocupações quando criança. Ele começou a temer a idade adulta e tudo o que a acompanhava — algo familiar a um outro menino que conhecemos.

Como resultado dessa percepção, Barrie vivia constantemente em um estado paralelo, desejoso de buscar aventuras e nunca crescer, mas também era consumido pela ideia de tempo — similar ao personagem Peter Pan. Lisa Chaney escreveu em sua biografia sobre Barrie que:

“Se por um lado não seria exagero dizer que Barrie se dedicava completamente a fugir (...) por outro, sua maior obra versava sobre uma profunda investigação das implicações inevitáveis do tempo e a ideia do próprio fim.” (Chaney 3)

Embora essa obsessão não o tenha possuído até mais tarde na vida, Barrie pensava de forma infantil em coisas como aventuras e jogos com bastante frequência. Ele vivia em outro mundo, sempre em busca de jogos e aventuras. Embora suas responsabilidades o impedissem de seguir tais

aventuras, sempre sonhava com quais delas viveria. Sendo assim, Peter Pan personifica os pensamentos de Barrie e seu desejo de escapar da realidade. Peter vocaliza a aversão de Barrie ao conceito de crescer, fazendo o que Barrie nunca pôde: escapar e fugir. Enquanto desejava sair em aventuras, Barrie nunca teve a oportunidade. Na introdução à peça, Barrie dá aos leitores um vislumbre de seu desapontamento por não ter se aventurado: “desejando ser um verdadeiro explorador, um daqueles que fazem as coisas em vez de contar bravatas... ele acabou ficando adulto, e abandonou a verdadeira exploração (embora só porque ninguém o acompanhou).” (Barrie 7). No devido tempo, Barrie percebeu que havia crescido e perdera a oportunidade de buscar emoções explorando uma ilha ou lutando contra piratas. No entanto, isso não o impediu de escrever sobre eles; derivando nas aventuras que Peter Pan tem com os Garotos Perdidos.

Ao contrário de Peter Pan, Barrie não pôde fugir quando percebeu o que seus pais esperavam dele na vida. Como sua mãe valorizava a educação de todos os filhos, ela o mandou para a escola para receber a sua. A mente de Barrie sempre pensava em aventuras e fugas, e ir para a escola se tornava cada vez menos entusiasmante, “[ele] colocou a vocação literária para dormir por um tempo, pois em sua escola o críquete e o futebol eram mais estimados”. (Birkin 7). Mesmo que não tenha se entusiasmado muito com a es-

cola, acabou gostando. Passou a se perceber melhor como pessoa e escreveu sobre sua passagem na Dumfries Academy em seu diário:

“Os meninos escrevem nas paredes, nome de menino e menina, como casais.

Como nunca tive isso, escrevi o meu com o nome da menina.

Vergonha de ser pequeno o suficiente para viajar com meio bilhete de trem”. (Birkin 9)

Barrie começou a se ver diferente das outras crianças na escola devido à sua altura, ou falta dela, e por sua vontade de escrever. Barrie, na verdade, teve uma infância sensacional, que pode ser vista em sua obra, especialmente em *Peter Pan*. Embora Barrie talvez não tenha percebido isso na época, várias pessoas em sua vida o ajudaram desenvolver a ideia de Peter Pan, desde cedo. Seu irmão falecido, David, simbolizava o fato de ser criança para sempre, e se consolidou mais tarde no próprio Peter Pan. Até mesmo sua mãe aparece na história, influenciando Wendy por causa de seu dom para cuidar dos outros e por seu amor à infância e à fantasia.

Vamos fazer uma pausa e discutir Wendy. Curiosamente, ela traz muitas ideias e especulações diferentes sobre suas origens e quem exatamente influenciou Barrie a escre-

vê-la dessa maneira. Especula-se a ideia de que sua mãe, Margaret Ogilvy, tenha influenciado tremendamente o personagem de Wendy. As histórias que ouviu sobre a infância dela o fascinaram com a ideia de imaginar sua mãe como uma garotinha. Além disso, algumas qualidades do caráter de Wendy se alinham com o que a mãe de Barrie lhe contava sobre si mesma quando criança. Por outro lado, assim como Peter Pan, Wendy também apresenta contradições de caráter. Ela se finge de mãe com Peter e anseia que aquilo seja real, mas também continua hipnotizada pela ideia da Terra do Nunca e de não crescer, querendo voltar com Peter mesmo depois de adulta: “Se ao menos eu pudesse ir com vocês — suspirou Wendy.” (Barrie 206). Ela faz essa declaração enquanto sua própria filha, Jane, se vai com Peter Pan, no final da história. Wendy mostra que, embora cresçam, a ilusão da infância ainda exerce poder sobre os adultos.

A vida de Barrie continuou, ele cresceu e buscou sua própria carreira de escritor. Depois de receber seu diploma em Edimburgo, tentou a carreira de escritor em tempo integral. No entanto, a carreira de Barrie não foi fácil, devido à falta de oportunidades. Quando conseguiu seu primeiro trabalho, a sensação de pavor veio junto com a alegria, "isso significava deixar a casa, provavelmente para sempre... ele sabia no íntimo que seu destino seria Londres. O mundo dos adultos estava logo adiante" (Dunbar 52). A batalha

interior de evitar a vida adulta colidiu com essa grande conquista. Agora, Barrie estava crescendo e isso parecia inevitável.

Embora Barrie tenha experimentado todas as dificuldades da vida adulta, Peter Pan nunca teve essa chance porque fugiu antes que isso pudesse acontecer: “(...) ouvi meus pais conversando — Peter explicou, falando baixinho — sobre o que eu seria quando crescesse.” (Barrie 32). Ao contrário de Peter, porém, Barrie precisava de um emprego para se sustentar e porque, na verdade, estava crescendo. Barrie se mudou para Londres e continuou escrevendo. Em seus escritos, especificamente em *Peter Pan*, os leitores podem facilmente identificar traços da própria personalidade de Barrie. Ele aparece no personagem de Peter, Hook e até mesmo nas crianças Darling, que Peter atrai para a Terra do Nunca. O amor de Barrie pela aventura aparece em Peter, sua mãe se mostra em Wendy, e o próprio Barrie também está ligado ao Capitão Gancho, já que ele fingia ser o pirata quando brincava com os garotos Llewelyn Davies. O trabalho de Barrie tem essa qualidade única de transpor seus pensamentos para o mundo real através da caneta. Ele delineou suas próprias ideias e teorias sobre vários assuntos em seu trabalho, o que aumenta as especulações sobre Peter Pan por conta das ideias que o personagem levanta, que traduziam as convicções de Barrie.

Uma semelhança óbvia entre *Barrie* e *Peter Pan* se destaca quando *Barrie* se casa com *Mary Ansell*. Como *Peter*, *Barrie* nunca demonstrou ou declarou explicitamente ter desejo sexual inato por uma mulher. No entanto, quando os amigos de *Barrie* começaram a se casar, ele também passou a desejar companhia. Apesar disso, *Barrie* nunca menciona desejar algum relacionamento sexual no casamento. Embora ele socializasse frequentemente em Londres, o encontro com sua futura esposa só aconteceu quando conheceu uma atriz em uma de suas peças. *Mary Ansell* capturou a atenção de *Barrie* e ele a dela. Começaram a se encontrar, mas o relacionamento levou tempo para se desenvolver, por causa da natureza vagarosa de *Barrie* e suas hesitações em relação ao casamento. *Mary* não gostou desse ritmo e o pressionou para que tomasse uma decisão. *Barrie* se parece com *Peter Pan* no quesito indecisão. Os leitores percebem ao longo da história que *Wendy* quer que *Peter Pan* tome uma decisão e assuma outro papel, mais precisamente o de um pai. Eles fingem, mas nada se concretiza. Da mesma forma, *Barrie* faz de conta com *Mary* em seu relacionamento e não o concretiza pedindo sua mão. *Barrie* nunca gostou de decisões concretas, o que fica claro em suas ações em relação a *Mary*.

Como se pode ver, *Barrie* e *Peter Pan* fogem das decisões, porque ambos sabem que elas resultam em circunstâncias definitivas, o que nenhum deles gosta. Essas deci-

sões também significam ações concretas, o que Peter Pan evita a todo custo. Ele nunca discute sentimentos ou qualquer coisa que tenha alguma influência sólida e sempre vive em um estado de faz-de-conta: “Eu estava pensando... — disse, meio assustado. — Eu sou pai deles só de faz-de-conta, não é?”. (Barrie 122). Peter adora brincar de faz-de-conta com Wendy, mas pensar em si como pai de verdade o aterroriza. Barrie também se distancia de decisões, como fica evidente em seu relacionamento com Mary.

Como Peter e Barrie odiavam tomar decisões e assumir responsabilidades, isso derivou em várias especulações. A hesitação de Barrie em se casar e consolidar seu relacionamento com Mary fez muitos especularem sobre sua natureza sexual. Como ele nunca declarou explicitamente algum desejo sexual em relação às mulheres, alguns sugeriram que Barrie apresentava tendências homossexuais. Em uma resenha do livro de Piers Dugdeon sobre Barrie, Tanya Avakian diz o seguinte: “Dugdeon sugere que Barrie era homossexual, mas aponta, corretamente, que se isso fosse um fato conhecido, seria improvável que sua aproximação da família dos meninos fosse permitida” (Avakian). Mesmo que existam especulações e suposições sobre as tendências homossexuais de Barrie naquela época, o fato não foi evidenciado ou chamou a atenção das pessoas. Ainda assim, não se sabe ao certo se Barrie realmente tinha tendên-

cias homossexuais ou não, e finalmente, ele pediu a mão de Mary porque sabia que precisava tomar alguma decisão:

“Sabia que ela queria se casar e ele, de certo modo, ansiava pela estabilidade de uma casa onde pudesse entreter seus amigos com uma bela esposa do outro lado da mesa. Mas ele hesitava, como vinha fazendo há meses. Ninguém sabe ao certo o que a alma de James Matthew Barrie realmente pensava sobre a união com uma mulher de carne e osso. Ele nunca mais poderia fugir para seus idílios românticos quando a vida confrontou sua poderosa imaginação com as realidades do casamento.” (Dunbar 107)

Barrie sabia da responsabilidade que acompanha o casamento, daí sua hesitação em relação a ele. Outra razão pela qual Barrie se casou se refere ao desejo de ter a estabilidade de um lar. Isso também pode ter sido uma maneira de esconder sua verdadeira natureza homossexual, porque a sociedade menosprezava esse comportamento naquela época. Barrie sabia que sua mente funcionava de maneira diferente das outras pessoas, inclusive de outros escritores. Essas diferenças tinham a ver com seu desejo de aventuras e de fuga da realidade, algo que ele não via em seus colegas, quando se comparava a eles. Assim, ele talvez visse o casamento como algo salvador e necessário para se encaixar na sociedade. Como se pode ver, a hesitação de Barrie traz muitas especulações sobre sua verdadeira sexualidade, algo que talvez nunca saberemos a verdade.

A natureza sexual de Barrie e Peter Pan cria ainda mais semelhanças entre os dois. Na biografia de Barrie, ele parece nunca ter expressado o desejo de ter relações sexuais com uma mulher, especialmente quando ainda jovem, embora sempre tenha expressado sua fascinação pelo sexo oposto. Embora tenha se casado com Mary, ele nunca a menciona em suas autobiografias, como W.A. Darlington escreve: “Ele não falou diretamente de seu casamento em nenhum de seus escritos autobiográficos, mas em *Tommy and Grizel* [...] há muitas passagens que só posso interpretar como uma pretensão em analisar e explicar essas reservas e complicações a que Mary Ansell se refere” (Darlington 82). Essas complicações de caráter a que Mary se refere incluem sua tendência a se apaixonar por um ideal de mulher, ao invés da mulher em si. Mary sentiu isso na pele, e é por isso que ela e Barrie se divorciaram em 1909. Embora ele nunca mencione sua insegurança, pode-se especular que suas decepções e problemas sobre essa questão se manifestam através de Peter Pan, que também não pode crescer e fazer sexo com uma mulher. Peter pode brincar com Wendy o dia todo e agir como figura paterna, mas no final das contas, nunca fará sexo com ela. Essa percepção vem principalmente do fato de que ele nunca crescerá e, portanto, nunca possuirá a capacidade de fazer sexo com ela. O desejo de permanecer criança para sempre envolve muitas coisas, mas, no fundo, refere-se mais à resistência de Pe-

ter à sexualidade adulta, correlacionada à própria resistência de Barrie a isso. A ideia da sexualidade adulta aterroriza Peter, como se vê na mesma citação quando ele ratifica sua falsidade como pai.

Por outro lado, a ideia de Peter Pan e Wendy terem uma relação sexualizada é algo que se desenvolveu em todas as adaptações mais recentes de Peter Pan. Pode-se argumentar que Barrie nunca imaginou que Peter Pan tivesse qualquer sentimento sexual em relação a Wendy, porque ele é apenas um menino. Krystal Hawkins aborda isso em seu ensaio:

“Essas adaptações modernas do trabalho de Barrie simplificam Peter Pan de forma consistente, ao desconsiderar os aspectos homosociais do texto e apresentar a narrativa com denotações heterossexuais inexistentes no original. A maioria das adaptações modernas também simplifica a narrativa removendo as questões da incerteza heterossexual e da insegurança masculina, que são temas predominantes no original de Barrie.” (Hawkins iii)

Hawkins traz o argumento de que as imagens modernas de Peter Pan se afastaram do original no sentido de ignorar os tons homossexuais que a história tem. Esses sentimentos homossexuais em Peter Pan também apoiam ainda mais a noção de que Barrie é homossexual, porque as aborda em seu trabalho. Todas essas especulações apenas apoiam os argumentos de que essa história traz muitos paradoxos, e não ideias concretas.

Outro sinal da resistência de Barrie a essa parte da vida adulta envolve sua óbvia impotência. Em todos os anos do casamento de Barrie e Mary, eles não tiveram filhos, algo que era parte da expectativa das pessoas por anos. Embora ele brinque com os garotos Llewelyn Davies e aja como uma espécie de segundo pai, ele nunca teve filhos, “já estava casado há anos, e não se ouvia da parte dos Barries sobre a possibilidade de uma família, nem havia qualquer indício de que os médicos tivessem sido consultados” (Dunbar, 139). Podemos presumir que seu anseio pela paternidade se manifestou em seu relacionamento com os meninos dos Llewelyn Davies, pois passava muito tempo com eles. A falta de filhos dos Barries poderia facilmente ser resultado de sua impotência, mas também poderia ter se originado de sua resistência em crescer. Nós não sabemos o que acontecia entre Barrie e Mary dentro de casa, mas podem facilmente nunca ter passado muito tempo sozinhos. Através dos diários de Mary, observamos as tensões pelas quais o casamento deles passou, especialmente quando a obsessão de Barrie pela família Llewelyn Davies teve início. Isso deve ter afetado seu casamento e deixado Mary amargurada. Mesmo que a falta de filhos provavelmente envolva alguma incapacidade de Barrie, também pode ser resultado de uma tensão no casamento e da falta de tempo juntos.

Similar ao relacionamento de Barrie com os garotos Llewelyn Davies, Peter Pan interpreta o pai falso dos Ga-

rotos Perdidos. Mesmo assim, ele não possui qualquer responsabilidade sobre os Garotos Perdidos ou sobre os Darling. Barrie pode ter visto sua relação com os meninos Llewelyn Davies da mesma maneira. Passava muito tempo com eles, mas nunca assumiu uma responsabilidade exclusiva enquanto seus pais eram vivos. Em vez disso, Barrie agia como um camarada ou amigo em vez de um adulto. Ele parecia agir como criança quando estava com os meninos Llewelyn Davies, algo que alimentou ainda mais seu desejo de voltar à infância. No entanto, antes que alguém possa analisar melhor o relacionamento de Barrie com essa família, é preciso entender sua visão e como se deu seu encontro.

A introdução de Barrie à família Llewelyn Davies marca o começo do período mais extraordinário da vida de Barrie. O autor e biógrafo de Barrie, Andrew Birkin, descreve a família assim:

"Não havia no mundo família mais feliz, até a chegada de Peter Pan", escreveu Barrie em *Peter e Wendy*. Sem dúvida, tinha isso em mente ao descrever a família Darling dessa forma, aludindo com um tom de humor perverso a sua própria intrusão na vida da família Llewelyn Davies, em quem os Darlings se baseiam." (Birkin 46)

Essa família se tornou sua obsessão. Ele conheceu a mãe desses garotos extraordinários e marcantes durante um

jantar e imediatamente ficou impressionado com sua beleza e graça. Barrie descreveu seus pensamentos sobre sua primeira impressão dessa mulher referindo-se a ela como “a criatura mais linda jamais vista” (Birkin 45). Ela e o resto de sua família imediatamente o enlouqueceram, fazendo com que ele criasse um relacionamento íntimo e às vezes nada saudável com ela e seus filhos.

Por causa do relacionamento íntimo de Barrie com os garotos Llewelyn Davies, eles se tornaram seu afeto, inspiração e obsessão, ajudando-o e influenciando-o a escrever seu trabalho mais famoso: “O que eu quero fazer primeiro é dar Peter aos Cinco, pois sem eles ele nunca teria existido” (Barrie 3). Na introdução à peça, Barrie dá o crédito de Peter Pan a eles em troca de todas as horas de faz-de-conta das quais Peter Pan nasceu. Os Llewelyn Davies tiveram cinco meninos, mas na época de sua apresentação a Barrie restavam apenas três: George, Jack e Peter. Barrie amou os três instantaneamente, quando se aproximaram dele e de sua esposa nos jardins de Kensington Park. No entanto, ele ficou mais próximo do mais velho, George, que teve maior influência sobre ele: “Mas foi George quem ganhou seu afeto mais próximo, e sua amizade logo começou a florescer nas páginas do caderno de Barrie” (Birkin 56). Este relacionamento íntimo logo se manifestou no livro *The Little White Bird*, com George caracterizado como o menino David. Desde a primeira linha dessa história, o leitor po-

de fazer a conexão entre o personagem principal, David, e George, o mais velho dos Llewelyn Davies: “Às vezes, o menino que me chama de pai me traz um convite de sua mãe” (Barrie 1). O “menino que me chama de pai” refere-se a George por causa de sua estreita relação com Barrie. Birkin também analisa essa história assim: “Assim como *Tommy and Grizel* narram o casamento fracassado de Barrie e sua própria incapacidade de crescer, *The Little White Bird* descreve seu relacionamento com George e seus próprios anseios íntimos de paternidade — ou talvez, maternidade” (Birkin 57). *The Little White Bird* revela mais sobre Barrie, pois o homem da história parece ser uma sombra do próprio Barrie, por meio de várias qualidades semelhantes, tais como: “Meu cão São Bernardo me acompanhou” (Barrie 31). Sabemos que Barrie tinha um São Bernardo que sempre o acompanhava, especialmente quando os meninos Llewelyn Davies estavam com ele. Isso não só mostra ao leitor mais sobre Barrie, mas também é onde seus leitores tiveram pela primeira vez um vislumbre do futuro personagem de Barrie — Peter Pan: “Se você perguntar a sua mãe se ela conheceu Peter Pan quando era uma garotinha, ela dirá: 'Ora, mas é claro, meu filho’” (Barrie 95). Um capítulo inteiro em *The Little White Bird* descreve Peter Pan e como ele surgiu, mostrando as primeiras nuances desse menino fascinante.

Portanto, é fácil ver como a sombra de Peter Pan sempre seguiu Barrie ao longo de sua vida, por causa de sua luta interior com a questão paralela de odiar a vida adulta e ainda assim sucumbir à sua inevitabilidade. Embora a sombra de Peter sempre perseguisse Barrie, o primeiro contato do leitor com Peter só ocorre quando *The Little White Bird* é publicado em 1902: “Sabendo em sua inocência que os passarinhos brancos são aqueles que nunca tiveram mãe” (Barrie). Os “passarinhos brancos” simbolizam as crianças que nunca crescem e nunca têm mãe. Nessa história, Barrie usa pássaros e crianças de maneira intercambiável: “Todas as crianças poderiam ter tais lembranças (...) pois, tendo sido aves antes de serem humanas, são naturalmente um pouco selvagens durante as primeiras semanas, e têm muita coceira nos ombros, onde costumavam ficar suas asas” (Barrie 96). A associação que Barrie faz entre aves e o crescimento se alinha com a expressão comum "deixar o ninho" ou "ninho vazio", quando os filhos se vão da casa dos pais. Além disso, *The Little White Bird* dá ao público de Barrie a sugestão de sua obsessão por crianças e por não crescer, pois dá ao leitor um dos primeiros vislumbres da posição de Barrie sobre essa ideia.

Ao longo de *The Little White Bird*, o leitor entende que Barrie vê Peter Pan como um passarinho também. Na verdade, os estágios iniciais de Peter o apresentam como um pássaro porque Barrie via dessa maneira todas as crianças

que ainda não cresceram, como passarinhos: “Ele [Peter] já não sabia muito bem que havia sido humano, e pensou que era um pássaro” (Barrie 96). No entanto, parece que Peter manteve sua posição como o pássaro favorito de Barrie, uma vez que ele escreveu mais tarde uma peça e uma história inteira sobre ele. Não só isso, mas também porque Barrie refletiu sobre essa ideia de Peter Pan por algum tempo e pensou muito sobre sua origem, “Peter, no entanto, ainda era capaz de voar porque sua mãe havia esquecido de pesá-lo no nascimento. Assim, escapou pela janela aberta e voou de volta para os Jardins de Kensington” (Birkin 62). Através dessas ideias sobre sua origem e de como apareceu, o leitor percebe outra ideia de Barrie — sua nova visão sobre a paternidade. Barrie amava sua mãe e nunca falava mal de seus pais; no entanto, ele retrata os pais de modo inverso em suas histórias. A mãe se esquece de pesar o pequeno Peter, fazendo com que ele voe para longe. Isso coloca os pais na posição de antagonistas. A noção dos pais como antagonistas faz com que o leitor os veja negativamente — como se fossem avessos à ideia de Peter Pan e da inocência infantil. A associação com os pais — ou adultos — como vilões ressoa e contrasta com a série de TV *Once Upon a Time*, que abordarei mais tarde.

No entanto, antes de saltar para a adaptação moderna do personagem, é preciso abordar a imagem original de Peter Pan e refletir sobre as especulações e intenções de Bar-

rie ao criá-lo, a fim de compreender plenamente as intenções dos escritores de *Once Upon a Time*. Os eruditos descobriram que Barrie constantemente pensava e discutia Peter Pan com os garotos Llewelyn Davies, “sejam quais forem as origens, Peter Pan logo se tornou o tema de intermináveis discussões entre Barrie e George, registradas por Barrie em *The Little White Bird*” (Birkin 63). Como resultado disso, sabemos que cada um dos meninos influenciou o caráter de Peter, como Barrie revelou aos seus leitores: “Quanto a mim, suponho que sempre soube que fiz Peter esfregando violentamente vocês cinco juntos, como os selvagens usam dois gravetos para criar o fogo. Ele é simplesmente isso: a faísca que vocês me deram” (Barrie 3). Peter é, portanto, essencialmente um híbrido de todos os cinco. Não só isso, mas os garotos ajudaram a desenvolver Peter, o que significa que ajudaram Barrie a pensar nas qualidades que Peter possuía, enquanto todos brincavam juntos. É por isso que Barrie lhes dá tanto crédito na introdução à peça publicada pela primeira vez em 1928. Os Cinco Llewelyn Davies e Barrie gostavam de passar tempo juntos, sonhando com Peter Pan e todas as suas aventuras.

Com o tempo gasto junto com os Cinco, a ideia de Peter Pan se transformou em um garotinho de verdade: “Os meninos Davies ouviram muito sobre a Ilha dos Pássaros, e depois outro nome apareceu, Peter Pan. Ninguém sabia de onde ele veio, muito menos quem o criou... Os meninos lo-

go passaram a tratar Peter como se ele realmente existisse” (Dunbar, 149). Peter Pan se transformou em um ser real, não apenas uma invenção da imaginação de Barrie, que permitiu que esse garotinho habitasse cada fenda de seu cérebro, misturando completamente a sua história e a de Peter em uma só.

Como se pode ver, o nascimento de Peter Pan não foi instantâneo, mas ocorreu ao longo de anos de reflexão sobre a ideia de nunca crescer. Essa ideia se incorporou à mente de Barrie, fazendo com que o sentimento fosse personificado nessa personagem. Muitos acreditam que o motivo do amor de Barrie pelos irmãos Llewelyn Davies surgiu de seu próprio anseio em reviver a infância. Ele se inspirou nesses garotos, mas também experimentou reviver novamente sua infância. Sabemos que esse desejo esteve com Barrie durante toda a vida, como mostram as evidências em conversas que tinha com sua mãe, assim como o que escreveu em seus diários. Assim, ter a liberdade de agir como uma criança e brincar com seus jovens amigos deu a ele muita alegria. Dessa forma, era possível estar com as crianças e não ter a responsabilidade de pai: alegria e diversão sem responsabilidade — coisa que Peter Pan sabia fazer muito bem.

Embora os acadêmicos tenham chegado a várias conclusões sobre as origens de Peter, seu caráter real ainda apresenta ideias divergentes e especulações por causa de

seus sentimentos e emoções conflitantes. A partir da história, o leitor pode especular que Peter Pan detesta a ideia de crescer, sempre se desvia do perigo e parece ter um lado sinistro e arrogante. Essas qualidades trazem dúvida sobre sua verdadeira natureza: Peter Pan é tão inocente como todos acreditavam desde o começo? Pelo prisma dessa questão, Peter aborda a luta interna paradoxal que Barrie enfrentou por toda a sua vida, representando o problema do crescimento.

Inevitavelmente, todos crescem, mas mesmo tenho essa consciência, Barrie ainda tinha problemas com o fato sempre que encarava a realidade. Chaney aborda essa verdade em sua biografia sobre Barrie: “Para ele, o simples fato de crescer não era uma dificuldade passageira que gradualmente acomodaria ao longo da vida; ela tinha um vulto incomum e suas implicações tocaram todos os aspectos de sua vida” (Chaney 3). Essa declaração revela que Barrie não apenas via o crescimento como algo inevitável e que devia ser aceito; mas também que permeava cada aspecto de sua vida, sufocando-o com a ideia de crescer, de forma muito parecida como acontecia com Peter Pan. Ao invés de ver a história de *Peter Pan* apenas como uma forma de escapismo de sua vida real, ele a via como a capacidade de investigar essa ideia de crescer. Barrie usou Peter Pan como meio para desafiar a ideia de crescer e, por sua vez, perguntar ao leitor por que o crescimento precisa ocorrer.

Para entender o personagem de Peter Pan, porém, os leitores devem primeiro entender quão profundamente esse conceito de crescimento fascinou e ressoou em Barrie. Ele escreveu sobre isso em *Peter Pan*, mas também mencionou o assunto em duas outras histórias, *Sentimental Tommy* e *Tommy and Grizel*. O personagem Tommy Sandy também não conseguia crescer, mas seu fracasso tinha uma qualidade mais honrada do que a de Peter. A diferença entre Tommy e Peter vem do fato de que Tommy não faz nada sobre não querer crescer, ao contrário de Peter, que foge de seus pais ainda jovem. Tommy parece querer voltar à sua infância porque a perspectiva da vida adulta o apavora, o que parece semelhante ao próprio Barrie, que constantemente buscava a companhia de crianças. Também parece semelhante a Peter Pan, que temia pensar na paternidade. Essa descrição de Tommy por Darlington soa estranhamente parecida com Barrie e sua percepção de casamento: "Ele [Tommy] tem medo do casamento, tem medo da realidade e — já que ela é uma pessoa totalmente real — tem medo dela" (Darlington 82). Ambos temem a realidade e enfrentam pessoas reais. Através dessa leitura, é possível ver claramente como Tommy está preso a Barrie, a ponto de chamá-lo de "Mr. Hyde de Barrie" (Darlington 82). No final da história, Barrie quase revela ser Tommy:

“Você descobriu que eu estava realmente com pena do garoto que gostava tanto de jogos que mesmo com o

passar dos anos não conseguia se tornar um homem, negando a verdade e agindo com desprezo desnecessário, na esperança de que eu te incitasse a dizer: ‘Vamos, você está sendo muito duro com ele.’” (Barrie 264)

Os sentimentos de Barrie em relação ao crescimento manifestaram-se no personagem de Tommy, talvez mais especificamente do que em Peter Pan, porque se referem a Barrie mais explicitamente em Tommy. No entanto, Tommy simboliza apenas o começo da expressão pessoal de Barrie sobre a ideia de crescimento em suas obras.

As verdadeiras intenções de Peter Pan criam diversos conflitos internos no leitor já em sua primeira aparição. Ele se aproxima de Wendy para convencê-la a fugir para a Terra do Nunca, onde os adultos não existem e ninguém cresce: “— Wendy, venha comigo e conte a história para os garotos.” (Barrie 37). Peter Pan incorpora a imagem de *bad boy*, mesmo ainda sendo criança. Pedir a alguém para fugir não o faz necessariamente mau; no entanto, ele transforma os pais em vilões, ou pelo menos ele os vê com desdém: “ Quando percebeu que estava diante de uma adulta, rosnou para ela, deixando à mostra suas pequenas pérolas. ” (Barrie 12). Ao longo de toda a história, o leitor começa a ver os pais como os vilões por causa do que Peter conta sobre eles. Sabemos que Peter teve pais no passado, mas fugiu quando os ouviu falando sobre ele crescer. Ele odeia pais?

Temos motivos para acreditar que sim: Ele não só não tinha mãe, como não tinha a menor vontade de ter uma. Achara que mães eram superestimadas. ” (Barrie 29). Sabemos também que ele se arrepia com a ideia de crescer: “— Não quero ser adulto. Ai, mãe da Wendy, imagina só eu acordar um dia e perceber que nasceu barba no meu rosto.” (Barrie 194). A ideia de crescer apavora Peter. De acordo com Justine Picadie, o título original de Barrie para *Peter Pan* era "O menino que odiava mães". Claramente, a partir desse título, podemos supor que Peter odeia pais. No entanto, uma contradição a essa suposição, que Barrie coloca em sua obra, aparece quando Peter finge ser o pai dos garotos perdidos e Wendy finge ser a mãe. Mesmo odiando pais, ele ainda quer ser um. Embora Peter demonstre que nunca deseja crescer, ele parece ansiar por isso. Assim como Barrie, Peter nunca terá a capacidade de crescer devido à falta de sexualidade, como discutido anteriormente.

Da mesma forma que Barrie, Peter luta entre o desejo de crescer e a resistência a esse desejo. Ele se coloca contra as mães e o pensamento de crescer: “Primeiro, porque detestava todas as mães, menos Wendy...” (Barrie 90). No entanto, ele finge ser pai e mãe com Wendy e os Garotos Perdidos: “Chamavam Peter de O Grande Pai Branco, se ajoelhando a seus pés.” (Barrie 116). Obviamente Wendy se passava como a mãe: “Wendy até compreendia os garotos, mas era uma esposa fiel demais para permitir críticas ao

homem da casa”. (Barrie 117). Reiterando, Peter nunca terá capacidade de fazer sexo com Wendy, o que prova que nunca poderá realmente crescer e atingir a idade adulta. Por outro lado, Peter parece entender todos os aspectos do que significa crescer — que, em última análise, significa morrer. O conhecimento de Peter sobre isso aparece especialmente em sua famosa citação: “Morrer deve ser uma grande aventura.” (Barrie 110). Aqui o leitor percebe trechos da filosofia de Peter sobre a vida. Sim, sua mentalidade pressupõe a de um garotinho, mas em algum nível, ele realmente entende o conceito de morte. Barrie experimentou mortes que o moldaram durante sua vida e os resultados delas se refletem em Peter Pan. Peter entende que a morte acompanha o crescimento e que guarda a última aventura desconhecida — algo que tanto o excita quanto o assusta.

Ninguém que esteja vivo pode entender completamente a morte porque não a experimentou. Portanto, a morte é algo que nem Barrie nem Peter podem entender. Essa apreensão mostra o quanto temem o desconhecido, e o motivo pelo qual Peter e Barrie evitam decisões concretas e a vida adulta. Mesmo não tendo como prever o futuro, Barrie não descansou em paz. Em vez disso, viveu amedrontado, tentando ao máximo evitar crescer. Peter Pan age da mesma maneira, fugindo quando ouve seus pais discutindo seu futuro. Uma razão para isso é seu amor pela infância; no entanto, outro motivo para a fuga é o medo do desconheci-

do. Barrie faz Peter ver isso como a maior aventura de todas, porque ele, óbvia e verdadeiramente, não tem ideia do que encontrará. Embora seja apenas uma criança, Peter dá à morte um certo respeito que ele não demonstra em relação à idade adulta.

Ao resistir à idade adulta, tanto Barrie quanto Peter Pan revelam algo sobre seu caráter: ambos lutam contra o medo. O medo ergue sua cabeça horrenda de várias formas, entre elas a resistência e o ódio. Peter Pan odeia a vida adulta e os adultos porque odeia a ideia de crescer. Mas se o seu ódio de crescer reside exclusivamente no medo que sente disso? O fato de ter fugido também corrobora essa afirmação. O autor R.D.S. Jack descreve isso em seu livro, “Peter Pan como uma 'espécie' de criança eterna possui todas as qualidades atraentes da juventude — energia, liberdade criativa, beleza e inteligência. Mas atrás dele está o medo — o medo da inocência invadida pela sexualidade; liberdade pela responsabilidade; juventude pela idade” (Jack, 167). Jack toca em todos os medos de Peter, assim como os de Barrie. Ambos temiam a sexualidade, a responsabilidade e a idade, resultando nesse medo inabalável de crescer.

Como visto em várias cenas ao longo da história, o leitor percebe um dos temas mais proeminentes de toda a peça: aventura. Para Peter, tudo é como uma aventura, fazendo com que ele e os que o rodeiam vivam em uma falsa rea-

lidade. Peter convive com a ideia de que tudo pode se transformar em uma grande aventura sem consequências. Ele sempre procura diversão e não parece contente com o que é normal. A mentalidade de Barrie se alinha a esse conceito. O único desejo de Barrie na vida envolvia buscar aventuras nas ilhas e descobrir coisas. Ele ansiava pelo tipo de aventuras que leu, discutindo esse desejo pessoal em sua introdução a *Peter Pan*, como mencionado anteriormente: “desejo de ser um verdadeiro explorador, daqueles que fazem coisas em vez de falar sobre elas... agora que ele é um homem, a exploração real foi abandonada (embora só porque ela é impossível de ser atingida)” (Barrie 7). Infelizmente ele nunca teve a oportunidade de viver qualquer aventura, concentrando-se assim em escrever sobre elas. Por não participar fisicamente de nenhuma aventura, sua mente sempre pensava nelas, e por isso criou as aventuras de Peter Pan.

A ideia de aventura que Barrie carregava com ele apareceu com os garotos Llewelyn Davies. Eles sempre inventavam histórias sobre grandes aventuras, acabando por criar, no fim das contas, Peter Pan. Por exemplo, um dia quando brincava, Barrie personificou um vilão, o Capitão Swarthy. Mais tarde, esse pirata se tornaria o famoso Capitão Hook, também conhecido como inimigo de morte de Peter. É interessante pensar e ler sobre as aventuras de Barrie e seus jovens amigos, porque isso mostra que a apreciada história infantil não nasceu apenas de Barrie sentado em

uma mesa. Sua vida inteira influenciou esse conto, de seu irmão David a esses garotos. Sabemos que Barrie até colocou um pouco de si mesmo no personagem de Peter. Esta mistura de elementos fez com que essa história sobrevivesse por muitos anos após sua publicação.

O autor White traz um ponto interessante sobre por que Peter Pan mantém tanto poder geração após geração: “Acima de todas as obras de Barrie, *Peter Pan* continua vital porque fala nostalgicamente sobre nossos desejos de continuarmos crianças. Ao mesmo tempo, nos lembra impiedosamente sobre como a infância pode ser realmente cruel” (White vii). No fundo, Peter Pan é apenas um menino. No entanto, White e muitos outros especulam sobre esse personagem de infância, demonstrando aos leitores que ele representa mais do que apenas a inocência infantil. Peter Pan faz muito mais do que apenas convidar seus leitores a fugir da realidade e sonhar com a Terra do Nunca. Ele permite que os leitores, tanto crianças quanto adultos, desafiem a norma e pensem na razão de crescerem e também desafiem a noção de inocência infantil.

A razão pela qual Peter Pan fascina gerações de leitores vem do fato de que Barrie justapõe os estados de infância e da idade adulta um contra o outro por meio do próprio Peter, constantemente demonstrando o desejo de ser pai e aversão às mães. Ele mostra ao público a crueldade e as maravilhas de cada lado, promovendo a afirmação de que

todas as coisas têm dois lados, bom e ruim. As crianças representam a mais pura forma da inocência, mas também demonstram o quanto a crueldade as acompanha. Barrie experimentou isso pessoalmente, especificamente com a morte de seu irmão, mas também em outras tragédias que viveu. O trágico evento chocou toda a família, mas também aproximou Barrie de sua mãe. Essa ideia de imagens paralelas se manifesta ao longo da história. No entanto, não é a única ideia da história que levanta questões.

A ideia de multiplicidade em *Peter Pan* também se manifesta no cenário principal da história. A Terra do Nunca não incorpora somente uma coisa em específico, mas sim um conjunto de tudo o que a criança imagina querer. Barrie pretendia que se parecesse assim: “Pois a Terra do Nunca é mais ou menos uma ilha, com lugares que parecem explodir de cores por todo lado [...] Obviamente que as Terras do Nunca variam muito entre si.” (Barrie 7). Barrie imagina que a Terra do Nunca tem características diferentes na cabeça de cada criança, daí o apelo a tantas gerações, pois cada leitor pode alterar a Terra do Nunca de acordo com suas próprias especificações. White e Tarr também descrevem isso em sua introdução:

"A Terra do Nunca nunca é inocente, não é céu nem inferno, nem recompensa nem punição. É um lugar imaginário individual para cada criança, exalando um desejo de segurança e aconchego tão forte quanto o de-

sejo que trouxe cada uma delas para longe de sua casa em primeiro lugar. ” (White, viii)

Sentir a Terra do Nunca como um lugar inseguro inquieta os leitores que sempre a imaginaram como uma ilha cheia de felicidade e alegria, habitada por crianças eternas, que brincam de faz-de-conta e se divertem. Por outro lado, esses autores argumentam que a intenção de Barrie nunca foi essa, pois a ilha possui muitos perigos, como piratas, índios e um crocodilo. Um olhar mais profundo sobre esse cenário da história revela que a ideia de inocência da Terra do Nunca não soa real.

A Terra do Nunca possui perigos que não parecem adequados para crianças. Os piratas querem matar meninos e os meninos querem matar os índios. Peter Pan sempre se mete em confusão e então uma aventura acontece. A ilha parece um lugar interessante, nada tedioso, que é exatamente como Barrie queria que parecesse. Ele queria que a ilha fosse uma aventura, não um refúgio seguro. Por isso, acrescentava aventuras em suas histórias, para sempre poder vivê-las e revivê-las livremente quando quisesse.

Apesar disso, surge a pergunta: se a Terra do Nunca não tem inocência e é repleta de perigos, por que as crianças sonham com ela e com o menino que as leva para lá? Sonham por causa da maleabilidade que ela apresenta para cada criança. Personalidades diferentes e paixões únicas são características das crianças, assim como os filhos dos Darling na

história. As diferentes formas que a Terra do Nunca pode tomar atraindo diversas audiências, explicando a potência dessa história ao longo das décadas. O próprio Peter Pan também se relaciona com a personalidade de cada criança de maneiras diferentes, pois abarca uma série de características e qualidades. Ele é travesso, brincalhão, doce, desobediente, arrogante e muito mais, tudo isso em um só menino. Portanto, todos podem se relacionar com ele e suas diferentes facetas. White e Tarr abordam a influência de Peter Pan em sua introdução:

Peter Pan deve ser a figura mais poderosa da literatura infantil... deixa seus rastros em nossas histórias, sua sombra nos persegue. “Ele nos envolve em diálogos secretos para continuarmos a conversa que Barrie iniciou, questionando a tolice da Terra do Nunca mesmo quando conseguimos aprisionar Peter em nossos sonhos literários.” (White)

Ambos argumentam que *Peter Pan* dominou a literatura infantil desde o começo de sua existência. Ao longo dos anos, escritores introduziram diversos personagens infantis e de fantasia, todos com qualidades interessantes. No entanto, Peter Pan ainda aparece como a imagem predominante e quintessencial da ficção infantil. Ele se contradiz, mas isso não afeta sua popularidade.

Barrie escreveu *Peter Pan* numa época em que a infância começava a ter valor aos olhos dos adultos, deixando

de ser algo marginal: “Os elementos que compõem *Peter Pan* inevitavelmente refletem certas ideias e preocupações da época. O gênio de Barrie está em como ele os aborda” (Chaney 207). Chaney aponta como a visão das crianças mudou e como Barrie abordou essas questões em sua história. A produção de literatura infantil nessa época foi abundante, mas o que torna a história de Barrie única se refere ao retrato da criança, seu ataque à vida adulta e o desejo inato que temos em permanecermos crianças. Ao retratar Peter dessa maneira, fica claro que ele se tornou tão popular ao longo dos anos. Peter cria uma imagem única da infância, ao contrário de outras histórias escritas nessa época, trazendo inocência ao mesmo tempo em que questiona a idade adulta.

Outra razão pela qual Peter mantém um enorme poder sobre a literatura infantil vem das ideias que ele cultivava na mente dos leitores. Peter simboliza o exemplo perfeito de nunca crescer e toda a glória que vem disso. É legítimo imaginar que todas as pessoas se digladiam com o desejo de nunca crescer em algum momento de sua infância. Crescer parece assustador, desafiador e desconhecido: tudo o que é desagradável. No entanto, quem não arriscaria a possibilidade de voar para a Terra do Nunca e não ter que crescer? A dúvida de com que todas as crianças parecem se digladiar é o que as atrai para Peter Pan.

Quando relacionamos o conceito de não crescer com a própria infância de Barrie, muitos paralelos aparecem quando comparados às suas próprias escolhas e pensamentos. Desde bem jovem, vemos como suas conversas com a mãe imediatamente despertam em sua mente o desejo de nunca crescer. Ela romaneava sua infância de maneira encantadora. Barrie cresceu e compartilhou essa visão romantizada da infância com sua mãe, vivendo em um mundo completamente diferente. A morte de seu irmão também mudou sua visão sobre o crescimento. Como mencionado anteriormente, seu irmão morreu pouco antes dos 14 anos, preservando-o como criança em uma idade de inocência eternamente. Ao estudar o personagem de Peter Pan, as razões por que Barrie o criou dessa maneira aparecem quando analisamos sua vida. Portanto, as plateias modernas de *Peter Pan* tendem a entender melhor por que essa versão atualizada do personagem age dessa maneira. Talvez a nova versão de Peter Pan se aproxime mais da versão do Peter que Barrie pensava originalmente, porque, à primeira vista, o recorte de Peter em *Once Upon a Time* é extremamente sombrio e sinistro.

No primeiro episódio da 3ª temporada de *Once Upon a Time*, Peter Pan é apresentado como o pior dos vilões, causando medo em todos os outros personagens por causa de suas habilidades. Peter pode manipular as situações, criando o caos onde quer que ele vá, o que faz com que esse

garoto seja muito diferente do pequeno ser encantado que Barrie escreveu pela primeira vez no começo do século XX. No entanto, para entender o princípio desse vilão na série e seus motivos para agir dessa maneira, é preciso primeiro entender a série em si.

Once Upon a Time pode ser descrito como um livro de contos de fadas sendo contado hoje em dia. A série retrata os personagens de conto de fadas que amamos desde crianças: Branca de Neve, Cinderella, Bela Adormecida e muitos outros. Também acrescenta mais profundidade a contos menos conhecidos, como Mulan, Rumpelstiltskin, Chapeuzinho Vermelho e outros. O brilhantismo dessa série tem a ver com os enredos e a profundidade criados para cada um deles, fazendo com que ganhem vida própria. Ao invés de descrever os contos já conhecidos, os roteiristas adicionam conflitos e reviravoltas inesperados. Além disso, as histórias são completamente diferentes do que poderia se esperar, com alianças improváveis entre os personagens, e criando nos espectadores novos laços afetivos com personagens anteriormente relegados. Um dos personagens que recebe uma reforma drástica é Peter Pan.

Once Upon a Time distorce a ideia original de Peter Pan, transformando-o no pior dos vilões, odiado por todos. Mesmo sendo apenas um menino, o público percebe seu poder de manipulação e egoísmo. Peter não retrata a imagem de um inocente ser encantado, tomando o lugar do vi-

lão. Ele transforma pessoas em peões para seus próprios propósitos e busca satisfazer seus desejos sem se importar com o custo disso. Esta versão atualizada de Peter Pan não se importa com quem ele fere, contanto que atinja seu objetivo final: juventude e poder eternos. Sua história é mais sombria do que a peça original de Barrie. Embora os críticos ainda não tenham escrito sobre essa série ou sobre Peter Pan, ainda podemos analisar criticamente e ver as semelhanças e diferenças entre o Peter original e o Peter da série.

A plateia ouve pela primeira vez sobre esse garoto quando a trama força os protagonistas a resgatar um dos principais personagens da série, Henry, das garras malignas de Peter. Os protagonistas devem aventurar-se no território conhecido como Terra do Nunca, para impedir que Peter Pan roube as crenças de Henry e as use em benefício próprio. Hook e Rumpelstiltskin alertaram os outros sobre a extrema maldade de Peter, fazendo-os temê-lo ainda mais. Como resultado, antes do público conhecer Peter, já foi criada uma imagem em sua mente, a partir das descrições que outros personagens dão sobre ele. O público e os personagens do programa ouvem sobre Peter de uma fonte improvável, o Capitão Gancho, que avisa o resto da tripulação sobre ele: "Cuidado, ele pode parecer um menino, mas é um demônio sanguinário". Um demônio é uma forte conotação do mal, que é exatamente o que Hook pensa sobre

Peter. Por mais que Barrie quisesse que Peter parecesse levado, seu personagem não apresenta nada de ruim em uma interpretação original. No entanto, os escritores do programa querem que o público o veja como um vilão disposto a conseguir o que quer, arruinando outros no processo.

A Terra do Nunca não possui mais as mesmas qualidades mágicas e fantasiosas que já teve, porque Peter apresenta mais sua conhecida inocência. Ao ver que a série mudou Peter Pan tão profundamente, o resultado é uma análise mais crítica do personagem. Contemplar a vida de Barrie e o nascimento de Peter Pan satisfaz — e também intensificou — minha curiosidade sobre o assunto. Não se pode simplesmente vasculhar a superfície de Peter Pan e obter respostas, por que há uma abundância de informações e análises sobre o assunto. No entanto, embora a nova adaptação não tenha despertado críticas, ainda assim desperta diferentes emoções e pensamentos na mente do espectador a cada episódio.

A verdade nessa versão de Peter Pan vem de sua honestidade. Ele quer de verdade o que deseja e não finge sua bondade. Isso significa que essa versão maléfica de Peter fará o que for necessário para obter o poder supremo e juventude eterna. A ideia de nunca crescer o leva a raptar e matar. Sua história pessoal demonstra isso. À medida que cada episódio é exibido, o público aprende mais sobre a

história de Peter Pan e o que o fez desejar permanecer jovem para sempre.

Curiosamente, Peter Pan tem um filho. Odiando a vida adulta, ele e seu filho voaram para uma ilha que atendia a todos os seus desejos. No entanto, por causa de seu desejo de permanecer jovem, Peter trocou seu filho pela juventude eterna. Desde então, o público passa a odiar Peter por suas decisões e ações. O show retrata Peter como um menino que uma vez já foi adulto, e não um menino que nunca cresceu. Além disso, Peter Pan apresenta um paradoxo, pois também já foi pai. Esse paradoxo envolve pais que se tornam vilões, algo também visto de forma sutil na história original de *Peter Pan*. Essa ideia de pais vilões ressoa ainda na verdadeira identidade de Peter Pan nesse seriado: pai de Rumpelstiltskin. Contrasta, ainda, porque Peter Pan se torna mau e fica conhecido pelos personagens como o pior vilão possível. A visão moderna de Peter Pan dada pela série se contradiz porque ele detém ambas as posições de pai maligno e filho maligno. Embora fique claro que esse retrato de Peter obviamente difere da história original, a história se mantém verdadeira e alinhada com a versão de Barrie.

A parte verdadeira vem das intenções de Barrie ao escrever *Peter Pan*. Ele queria que os leitores e espectadores da peça refletissem ao mesmo tempo em que desfrutavam de seu trabalho. Ao invés de apenas lamentar o fato inevitável de crescer, Barrie queria que o público pensasse no

porquê. Parece impossível ler *Peter Pan* e não pensar sobre crescer e porque isso acontece inevitavelmente, um tema que prevalece ao longo de toda a história. Com isso como fato, a escuridão inevitavelmente aparece embrenhada na história.

A escuridão que se ilumina a partir das fendas da história aparece nas intenções de Peter Pan. Como discutido anteriormente, Peter nunca aparece realmente e diz qualquer coisa completamente má ou perversa. Esse elemento sinistro do personagem se apresenta na mensagem subjacente que ele entrega ao público. Sua paixão por não crescer e avessa aos adultos se manifesta como um elemento malicioso e ameaçador do menino. Embora ele pareça inocente, Peter Pan é realmente ameaçador. Ele ameaça a natureza do crescimento e a norma que todos conhecem e aceitam.

Todos sabem que o crescimento vai ocorrer em algum momento para todas as crianças, mas Peter Pan desafia esse fato plantando a semente da dúvida em nossas mentes. Ele desperta a ideia de que crescer é opcional e que todos podem escolher não crescer, fugindo para fazer o que quiserem, quando quiserem. Ele convence as crianças a deixarem o seio familiar porque deseja que vivenciem a infância constante que ele possui. Porém, por mais que Peter Pan negue seus sentimentos, ele anseia por companhia. Sua solidão se evidencia por sua constante necessidade de trazer pessoas para a Terra do Nunca. Isso também aparece em su-

as brincadeiras e faz-de-conta constantes. Ele não quer enfrentar a realidade da vida e a tragédia que vem com ela. Ele sabe que a vida é repleta de eventos ruins e, portanto, foge dos sentimentos e da verdade quando os encontra.

As semelhanças entre o Peter Pan de Barrie e o Peter Pan de *Once Upon a Time* provêm das ameaças que eles representam. Como discutido acima, Peter ameaça a norma e faz com que crianças e adultos questionem e duvidem da realidade. O Peter Pan do seriado ameaça a vida e o cotidiano dos personagens. Ele quer toda a magia para si, para ser a pessoa mais poderosa. Ele ameaça o sistema ao desejar essas coisas. Da mesma forma, o Peter Pan de Barrie põe em risco a normalidade do crescimento. Ambos possuem algum tipo de poder sobre a normalidade que assusta o espírito humano.

Talvez fosse assim que Barrie queria que vissemos Peter Pan, como uma ameaça e não como uma inocente figura infantil. No entanto, através de diferentes interpretações da obra e do menino, Peter tornou-se um modelo de inocência e infância. Mas não foi assim que ele foi escrito. Ele realmente tem uma arrogância inerente que não se traduz nem um pouco em inocência. Sua natureza arrogante aparece nas declarações que faz sobre si mesmo e quando ele toma para si o crédito por coisas que outros fizeram para ele, como por exemplo a costura de sua sombra. Esse exemplo com Wendy aparece já no começo de seu relacionamento

e nos dá um vislumbre do verdadeiro caráter de Peter Pan quando ele declara: “Ah, como sou esperto” (Barrie 30). Isso se destaca porque o leitor vê que Peter é um garotinho bastante arrogante: “Não é fácil reconhecer que essa presunção de Peter era uma de suas qualidades mais fascinantes. Sendo ainda mais franco, nunca existiu um garoto mais arrogante do que ele.” (Barrie 30). A arrogância de Peter é um de seus traços mais óbvios, algo que não costuma ser associado à inocência infantil.

Ao longo das páginas da história, o leitor vê claramente como esse garoto tem emoções e ideias conflitantes. Para alguém compreender plenamente a verdadeira intenção por trás de sua natureza, seria preciso uma conversa com o próprio Barrie e descobrir seus verdadeiros significados. No entanto, uma vez que Barrie sempre agiu timidamente sobre a natureza real de Peter Pan, os estudiosos precisam completar a história e as características desse menino. Um acadêmico que especula sobre a história de *Peter Pan* observa:

“Mas há uma força em ação em *Peter Pan* que transcende o arrependimento tolerável sobre algo que sempre perderemos inevitavelmente [...] Barrie estabelece uma relação deliberadamente antagônica entre a vida adulta e a infância [...] revelando a natureza verdadeiramente violenta dessa relação, com sua base sendo um ódio irracional.” (Coats 4)

A ideia que Coats apresenta nesta afirmação contundente alude à visão de Peter Pan em *Once Upon a Time*. Ela traz a ideia do ódio como um sentimento comum a Peter Pan, se não seu único sentimento: “Barrie estabelece uma escolha difícil para Wendy e os Garotos Perdidos: escolher casa, aconchego e uma família amorosa significa rejeitar a falta de apego de Peter Pan (que é como Barrie caracteriza sua infância ideal)” (Coats 4). De acordo com Karen Coats, Barrie criou Peter Pan com ódio no coração porque isso permite que ele viva como um menino para sempre. Barrie parece associar a infância à falta de coração, que não é o que geralmente se pensa quando observamos crianças. As crianças trazem alegria aos pais e são inocentes como características principais, e não seres desalmados. No entanto, as declarações de Coats alinham-se perfeitamente com a versão de *Once Upon a Time* de Peter Pan, que abre mão do amor ao trocar seu filho pela juventude.

Os leitores de *Peter Pan* muitas vezes não percebem o ódio que ele tem em seu coração. No entanto, de acordo com Barrie, isso essencialmente fez dele quem ele é. A série *Once Upon a Time* traz o ódio de Peter à superfície, o que essencialmente faz dele um vilão. Ele detesta a ideia de se tornar adulto e isso faz dele um vilão. Ainda de acordo com Coats e outros estudiosos, Barrie pretendia que ele odiasse a idade adulta e desafiasse a ideia geral de crescer.

Com toda essa gama de emoções e fatos sobre Peter Pan, é fácil moldá-lo em qualquer direção. É por isso que os escritores de *Once Upon a Time* puderam transformá-lo em um vilão. Levaram em conta suas qualidades sinistras e maliciosas e criaram algo completamente diferente das outras interpretações. Como resultado, o público teve uma nova versão de Peter Pan, possibilitando uma nova visão sobre a história e formulando suas próprias conspirações sobre o menino e como Barrie pretendia retratá-lo.

O personagem de Peter Pan em *Once Upon a Time* direciona seus pensamentos e toda a sua existência para continuar jovem. Não se preocupa com nada além disso e pode ferir pessoas durante o processo a fim de atingir seu objetivo. Infelizmente, ao agir assim, Peter sente falta da beleza que a vida traz. O público assiste a isso claramente na série quando seu filho é levado. O resultado de seu desejo em permanecer jovem para sempre cobra dele a ausência completa de seu filho. As consequências desse desejo trazem muitos resultados negativos. Os roteiristas parecem enviar uma mensagem ao público, mostrando o lado negativo de se permanecer jovem. Nem tudo traz desastre e dor, porque há sempre duas maneiras de encarar uma situação, e isso inclui a infância e o crescimento. É assim que Peter Pan deve ser visto.

Não apenas a nova versão de Peter Pan gera ideias sobre a intenção do personagem, mas também outras especu-

lações vêm à tona envolvendo o autor da história. Embora a crítica ainda não tenha escrito sobre o assunto, a ideia de um homem querer voltar à infância em *Once Upon a Time* se alinha mais ao próprio Barrie do que a Peter Pan. Os leitores sabem que Barrie sempre quis retornar à sua infância e permanecer um menino para sempre, apenas observando seus costumes e o tempo que passava com os meninos Llewelyn Davies. Parece que, a partir desse fato, os roteiristas enfatizam mais o personagem de Barrie em sua versão do que o menino chamado Peter Pan. A versão de Peter Pan na televisão, portanto, incorpora o personagem de Barrie e seu desejo de permanecer jovem. Embora Barrie nunca tenha trocado um filho por esse desejo, ele basicamente trocou a possibilidade de ter filhos ao passar tanto tempo com os garotos Llewelyn Davies, negligenciando sua esposa. Barrie nunca teve filhos e, "oficialmente", nunca cresceu e assumiu essa responsabilidade. *Once Upon a Time* mostra Peter Pan trocando essa responsabilidade pela juventude, algo que Barrie poderia ter feito se tivesse a opção. Ao revelar essa teoria, a série ganha ainda mais profundidade ao permitir que o público especule mais sobre as razões por trás de um personagem querido e seu desejo de voltar à infância.

Apesar de Barrie nunca ter se transformado em garoto por mágica, houveram consequências negativas do resultado de seu relacionamento com os garotos Llewelyn Davi-

es. Sua esposa o deixou e, em última instância, a história de Peter Pan trouxe a tragédia para os próprios meninos Llewelyn Davies. Da mesma forma que o conceito da Terra do Nunca — que traz tanto coisas positivas quanto negativas — resultou da peça de Barrie, a série também demonstra os efeitos negativos e positivos de um forte desejo, por meio do personagem Peter, de maneira inovadora e um tanto assustadora. Essa versão de Peter traz um caráter mais ameaçador sobre ele, mostrando o mal que ele carrega. Isso assusta e desafia a visão outrora inocente que as crianças tinham de Peter, abrindo espaço a interpretações individuais. Além disso, esse novo Peter Pan mostra aos espectadores modernos a influência maciça que esse personagem tem sobre a literatura infantil e contos de fadas.

O fato desse programa atual e popular usar Peter Pan como um de seus principais vilões mostra a influência consistente da história de Barrie ao longo de gerações de leitores. Muitos refletem sobre isso há anos, desde a origem da história, questionando os motivos de Peter Pan ter esse poder sobre um gênero tão importante da literatura. Histórias e personagens infantis vêm e vão; no entanto, Peter Pan permanece uma constante da ampla categoria da Literatura Infantil. No centro desse argumento, a razão óbvia por trás de sua popularidade é que *Peter Pan* é um conto de fadas, uma fantasia. Os contos de fadas levam seus leitores a outros mundos, onde podem agir como bem entenderem,

sem restrições. Permite que se esqueçam de seus problemas vigentes e escapem para uma terra mágica. Encaixando-se em todas essas categorias, *Peter Pan* detém o poder supremo do escapismo, transportando o leitor para a Terra do Nunca, onde todos os problemas desaparecem e a responsabilidade não existe. A falta de responsabilidade nessa ilhazinha sagaz cativa o público mais do que qualquer outra coisa.

Peter Pan também permite muito espaço para a própria interpretação individual. Barrie dá ao leitor detalhes sobre seu personagem e a história da Terra do Nunca; no entanto, também podemos tomar nosso lugar na Terra do Nunca e torná-la um lugar pessoal de liberdade e falta de responsabilidade. Essa liberdade de personalizar a história de *Peter Pan* aparece com mais evidência em *Once Upon a Time*. Como discutido anteriormente, os escritores do programa tomaram a história e criaram sua própria interpretação sobre o personagem. Aplicaram seu livre arbítrio no personagem, porque tiveram a liberdade de fazê-lo. Talvez quando eram jovens, não viam Peter Pan como um menino inocente. Talvez sempre tiveram medo de Peter Pan e do fato de que ele poderia entrar em suas casas a qualquer momento e levá-los para a Terra do Nunca. Nem todos veem Peter Pan sob a mesma luz; outra razão pela qual esse personagem apresenta tal maleabilidade. Ele tem a capacidade de se transformar em qualquer coisa que o público queira.

Ao longo dos anos, desde a estreia da peça, *Peter Pan* causou tumulto na literatura infantil. Existe a sensação de que os escritores de literatura infantil não conseguem escrever algo sem encarar francamente as ideias que Barrie trouxe à tona nessa sua história infantil. Os escritores Donna R. White e C. Anita Tarr escrevem em sua coleção de ensaios sobre Barrie que “Peter Pan parece ser a figura mais poderosa da literatura infantil, pois a maioria dos escritores, especialmente os de fantasia, precisam lutar com essa imagem em algum momento. seja admirando sua influência tão poderosa ou sequer reconhecendo-a” (White xix). Ambos sugerem que seu poder sobre a literatura infantil é tão grande que todo escritor do gênero deverá enfrentá-lo em algum momento. Isso tem um fundo de verdade porque muitas histórias envolvem a recusa em crescer, ou apresentam traços infantis vistos como inocentes e traços adultos como não inocentes. Além dessas ideias, há também a aventura, o passar do tempo e as fadas que também aparecem em muitas outras histórias que surgiram depois da história de Barrie. Ele reinventou a ficção infantil trazendo novas ideias e conceitos para o gênero que sobrevivem até hoje. A pequena criança sombria de Barrie tem um poder maior do que ele jamais imaginou, tudo graças às suas visões sobre o crescimento e a idade adulta.

A ideia Peter Pan fugir voando para a Terra do Nunca e viver entre as fadas causou impacto no gênero de ficção

infantil. A própria vida de Barrie afetou a história por meio de sua mãe, da morte de seu irmão, dos meninos Llewelyn Davies e muitos outros pontos cruciais em sua vida. Os pensamentos de Barrie giravam em torno do tempo e da ideia de ser criança para sempre. Assim como Peter Pan, Barrie não queria se tornar um adulto responsável. Como não podia voar para a Terra do Nunca, escreveu sobre as aventuras que imaginava. Barrie experimentou os altos e baixos que acompanham a idade adulta, poupando Peter dessa agonia. Através de seu personagem, ele foi capaz de experimentar uma aventura em sua própria vida, matando piratas e voando com fadas. Mas essa aventura em especial não é apenas de Barrie, pois os irmãos Llewelyn Davies também influenciaram Peter Pan tremendamente, sob o risco dele não vir a existir se não fosse por eles.

Peter desperta argumentos contraditórios, mesmo sendo apenas uma criança. Ele leva o leitor a questionar a ideia de tempo e de crescimento, fazendo com que busquem sua própria Terra do Nunca — que era o que Barrie pretendia que sua história fizesse. Tanto é assim que a série *Once Upon a Time* decidiu distorcer a história original e fazer de Peter Pan um vilão. Essa interpretação moderna fez com que os espectadores revisitassem o amado conto e descobrissem por que o recriaram no programa como antagonista. Embora pareça improvável, na verdade há uma verdade

intrínseca, pois Peter tem um lado travesso e talvez mais sombrio do que originalmente percebido.

Para entender completamente esse personagem, seria preciso conversarmos com o próprio Barrie e discutir Peter Pan. No entanto, uma vez que isso não é possível, devemos satisfazer nossa curiosidade contemplando suas origens e ideias relendo a aventura original e suas adaptações. Com o passar do tempo, porém, crescemos e nos esquecemos como voar, passando para coisas adultas e assumindo responsabilidades, como é o ciclo natural: “E assim continuará sendo, enquanto as crianças forem alegres, inocentes e desalmadas.” (Barrie 207).

TRABALHOS CITADOS

Avakian, Tanya B. A Review of Piers Dudgeon’s Book. 2010. Online.

Barrie, J. M. Peter Pan. Puffin Books: New York. 1967. Impresso.

Barrie, J. M. The Little White Bird. Renaissance Classics: USA. 2012. Impresso.

Barrie, J. M. The Plays of J. M. Barrie in One Volume. Charles Scribner’s Sons: New York. 1945. Impresso.

Barrie, J.M. Margaret Ogilvy. 1896.

Barrie, J.M. Tommy and Grizel. 1900.

Birkin, Andrew. J.M.Barrie and The Lost Boys: The Love Story that Gave Birth to Peter Pan. Clarkson N. Potter, Inc. Publishers: New York. 1979. Impresso.

Chaney, Lisa. Hide-And-Seek With Angels: A Life of J.M. Barrie. Hutchinson: London. 2005. Impresso.

Darlington, W.A. J.M. Barrie. Haskell House Publishers LTD.: New York, 1974. Impresso.

Dudgeon, Piers. Captivated: J.M. Barrie, the Du Mauriers and the Dark Side of Neverland. Chatto & Windus, London. 2008. Impresso.

Dunbar, Janet. J.M. Barrie: The Man Behind the Image. Houghton Mifflin Company: Boston. 1970. Impresso.

Hawkins, Krystal Lynn, "Masculine Uncertainty and Male Homosociality in J. M. Barrie's Peter Pan Stories" (2008). Open Access Dissertations and Theses. Paper 4680.

Jack, R.D.S. The Road to The Never Land: A Reassessment of J.M. Barrie's Dramatic Act. Aberdeen University Press: Aberdeen. 1991. Impresso.

White, Donna R. and C. Anita Tarr. J.M. Barrie's Peter Pan In and Out of Time: A Children's Classic at 100. The Scarecrow Press, Inc.: Lanham. 2006. Impresso.

UNIVERSITY OF TENNESSEE, KNOXVILLE

Trace: Tennessee Research and Creative Exchange
University of Tennessee Honors Thesis Projects University
of Tennessee Honors Program

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Frazier, Katherine E., "The Peter Pan Paradox: A Discussion of the Light and Dark in J.M. Barrie's Shadow Child" (2014). University of Tennessee Honors Thesis Projects.

http://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj/1706

http://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj

English Language and Literature Commons

Esta dissertação/tese chegou até você por meio do programa da University of Tennessee Honors Program at Trace, gratuita e livre: Tennessee Research and Creative Exchange. Para mais informações: trace@utk.edu.

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!

**The Peter Pan Paradox:
A Discussion of the Light
and Dark in J.M. Barrie's
Shadow Child**

Katherine E. Frazier

James Matthew Barrie begins his most beloved tale with a simple, notable line: “All children, except one, grow up” (Barrie 1), which embodies the entirety of his story’s foundation: a boy who never grew up. Since the first publication of Barrie’s renowned play in 1928, Peter Pan has influenced children’s literature in an enormous way, making Barrie’s story become a common household name among children and adults alike. Through Peter, Barrie creates a paradoxical character by introducing the reader to a unique little boy who daily battles fear and desire towards the idea of growing up. Barrie personally dealt with these feelings his entire life and manifested them into his character Peter, who declares hatred towards adulthood, while conversely longing for adulthood by wanting to become an adult. Through this, the story forces its readers into their own inner conflicts because Barrie gives them a choice. He lets the reader decide whether they will agree with Peter Pan and hate adulthood, or side with the parents, who say adulthood actually has benefits and needs to be embraced with acceptance.

Not only this, but the story also brings up the question of whether Peter Pan embodies darkness or innocence at his core due to his actions and character tendencies. Most recently, the television series *Once Upon a Time* tackled this question by making Peter Pan a villain, willing to do anything to keep his youth. The screenwriters of the show

give a new view on the familiar childhood character in order to challenge the original and offer new questions to the audience. My thesis will trace the history of this beloved tale, starting with addressing Barrie's life by focusing on how his own life affected the story. I will end with comparing Barrie's original Peter Pan to the most recent adaptation by Once Upon a Time. I will bring up the idea of seeing Peter Pan as a dark figure, arguing that we possibly have viewed him with too much innocence for too long. Not only that, but I will show the reader just how much influence the people in Barrie's life had on his famous character.

Barrie's life shows how the boy Peter Pan originated long before the story became real. James Matthew Barrie, born on May 9, 1860, grew up with parents who held certain ideals and standards for their children. One of these standards involved becoming educated in school, an idea his mother believed to be the most important thing. His mother, Margaret Ogilvy (some Scottish women kept their maiden name), longed for her children to become successful adults, something all parents' want for their children. However, even at a young age, Barrie did not show signs of a longing for school or possessing any sort of educational brilliance. This set him apart from his brothers, especially his brother David who happened to be the apple of his mother's eye as he showed great promises in education. As

a result, Barrie lived in David's shadow, affecting the way he viewed himself.

Though Barrie exhibited a slight air of jealousy towards his brother, David is actually an important piece in the writing of Peter Pan, as some speculate Barrie created Peter because of David. This theory stems from the tragedy that occurred just a few days shy of David's 14th birthday. Tragically, David died in an ice-skating accident that resulted in their mother's depression. Since he died before he reached adulthood, he became forever viewed as the boy who never grew up, at least, that is how his mother, Margaret Ogilvy, viewed him:

If Margaret Ogilvy drew a measure of comfort from the notion that David, in dying a boy, would remain a boy forever, Barrie drew inspiration. It would be another thirty-three years before that inspiration emerged in the shape of Peter Pan, but here was the germ, rooted in his mind and soul from age six (Birkin 5).

Tragedy does something to a person, forever changing them. Though Peter Pan does experience tragedy in his story, Barrie experienced it for him, thus making Peter run away from real life as a young child. Since he lived in a make-believe world, Peter never had to experience any real tragic event, or anything that the real world brings. The death of David affected Barrie in more ways than one, but

mostly influencing his future depiction of Peter Pan by making him the boy who did not grow up.

With David's death and the idea of never growing up forming in Barrie's mind, Barrie oppositely had to grow up and take on a level of responsibility. He saw how David's death affected his mother and therefore made himself responsible for making her happy again. Janet Dunbar, author and biographer on Barrie, writes about it as such:

One day he was the youngest brother, noisy and carefree, not yet ready to be dreamed over but still his mother's own and separate child. The next day he was a substitute for one who could never be replaced, and so, he knew with a deep instance, it would always be (Dunbar 11).

The responsibility Barrie took on resulted in the growth of his relationship with his mother as they spent more time together. This special relationship Barrie formed with his mother separates him from Peter Pan because Peter ran away as a child, never having a close relationship with his mother. In fact, he came to think of mothers in disgust: "Now, if Peter had ever quite had a mother, he no longer missed her. He could do very well without one. He had thought them out, and remembered only their bad points" (Barrie 135). Though Peter thought ill of mothers, Barrie grew extremely fond of his mother realizing how similarly they thought and the shared love of childhood they had. In

this time in his life, Barrie also came to know his inner desire of never wanting to grow up: “The horror of my boyhood was that I knew a time would come when I also must give up the games, and how it was to be done I saw not...I felt that I must continue playing in secret” (Barrie 17). Barrie loved games, adventures and living carefree as a child. He began to dread adulthood and everything that came with it—sounds similar to another little boy we know.

As a result of this realization, Barrie continually lived in a parallel state, longing to seek adventure and never grow up, but also constantly consumed with the idea of time—similar to his character Peter Pan. As Lisa Chaney put it in her biography on Barrie,

While on the one hand it would not be an exaggeration to say that Barrie’s whole being was devoted to escape...on the other his greatest writing was a profound enquiry into the inescapable implications of time, and the idea of one’s own end (Chaney 3).

Though this obsession did not truly take over until later on in his life, Barrie thought on such things as adventure and games as a child quite often. He lived in another world and always wanted to play games and go on adventures. While Barrie’s responsibilities kept him from going on any such adventures, he always dreamt of what kinds of adventures he would take. In such, Peter Pan becomes the em-

bodiment of Barrie's thoughts and desire to escape reality. Peter vocalizes Barrie's disgust of the concept of growing up and did what Barrie never could do: escaped and ran away. While Barrie always wanted to go on adventures, he never had the ability. In the introduction to the play, Peter Pan, Barrie gives the readers a glimpse of his disappointment in not having opportunities to go on adventures: "craving to be a real explorer, one of those who do things instead of prating of them....he is now a man, real exploration abandoned (though only because no one would have him)" (Barrie 7). In due time, Barrie realized he grew up and missed his opportunity to seek thrill by exploring an island or fighting pirates. However, they did not stop him from writing about them; thus, the adventures that Peter Pan takes with the Lost Boys.

Unlike Peter Pan, Barrie could not runaway when he realized what his parents expected of him in life. Since his mother valued education for all of her children, she sent him away to school to receive an education. Barrie's mind constantly thought about adventures and escaping though, making him less than enthusiastic about having to go to school, "[he] put the literary calling to bed for a time, having gone to a school where cricket and football were more esteemed" (Birkin 7). Even though he did not act too enthused to go to school, he ended up actually enjoying it. He

became more aware of himself as a person, writing about his time at Dumfries Academy in his diary,

“The boys write on walls, name of boy and girl, coupling them together.

As never did it to me I wrote my own with girl’s name.

Ashamed at being small enough to travel half ticket by rail” (Birkin 9).

Barrie began to think of himself as different from the other children at school due to his height, or lack of height, and desire to write. Barrie indeed had a unique childhood, all of which seeps through in his writings, especially Peter Pan. Though Barrie may not have realized it at the time, each person in his life started developing the idea of Peter Pan very early on in his life. His deceased brother, David, symbolized staying a child forever, coming forth later in Peter Pan himself. Even his mother shows forth in the story, influencing Wendy because of her care giving nature and love of childhood and fantasy.

Let’s pause for a second and discuss Wendy; whom, interestingly enough brings up many different ideas and speculations about her own origins and who exactly influenced Barrie to write a character in this way. Speculation surrounds the idea that his mother, Margaret Ogilvy influenced the character of Wendy tremendously. From the stori-

es that she told Barrie about her own childhood, he became fascinated with the idea of his mother as a little girl. Not only that, but some of the character qualities of Wendy align with what Barrie's mother told him about herself as a child. On the other hand, similar to Peter Pan, Wendy holds character contradictions as well. She plays pretend mother with Peter and longs for it to be real, but also is still mesmerized by the idea of Neverland and not growing up, longing to go back with Peter even as an adult: "'If only I could go with you,' Wendy sighed" (Barrie 206). She makes this statement when her own daughter, Jane, flies away with Peter Pan at the end of the story. Wendy shows that even though one grows up, the illusion of childhood still holds power over adults.

Barrie's life continued on, with him growing up rapidly and seeking to have his own writing career. After receiving his degree from Edinburgh, he then sought to become a full time writer. However, Barrie's writing career did not come easy, due to a lack of opportunities. When Barrie received his first job, the feeling of dread came along with joy, "this meant leaving home, and probably for good...and he knew in his bones that it would be London next. The adult world lay ahead" (Dunbar 52). The inner battle of pushing adulthood away stormed back with this very adult like milestone in his life. At this point, Barrie was growing up, something that seemed unavoidable.

While Barrie experienced all the difficulties that adulthood brings, Peter Pan never had that chance because he ran away before it could happen: “‘It was because I heard father and mother,’ he explained in a low voice, ‘talking about what I was to be when I became a man’” (Barrie 32). Contrary to Peter though, Barrie had to get a job in order to make a living and because he was in fact growing up. Barrie ultimately moved to London and kept up his writing. In his writing, specifically in *Peter Pan*, readers can easily see traces of Barrie’s own personality. He shows up in the character of Peter, Hook, and even the Darling children, who Peter whisks away to Neverland. Barrie’s love of adventure shows forth in Peter, his mother shows herself in Wendy, and the Barrie himself is also tied to Captain Hook, since he pretended to be the pirate while playing with the Llewelyn Davies boys. Barrie’s writing holds the unique quality of his thoughts coming to life through the pen. He traced his own ideas and theories on various matters in his writing, which increases speculations on *Peter Pan* because of the common ideas brought up through Peter that Barrie always talked about.

An obvious similarity between Barrie and Peter Pan shows forth when Barrie marries Mary Ansell. Like Peter, Barrie never displayed or explicitly stated having an innate sexual desire for a woman. Yet, since Barrie’s friends began to get married, he also came to desire a companion. Howe-

ver, Barrie never mentions possessing a desire for a sexual relationship in the marriage. Though he socialized frequently in London, the meeting of his future wife did not come until he met a star in one of his plays— Mary Ansell. Mary Ansell captured Barrie’s attention—and he caught hers. They began to see each other; however, their relationship took time to develop into anything further because of Barrie’s slow nature and hesitations towards marriage. Mary did not like the slow pace of their relationship though, and needed him to make a decision. Barrie resembles Peter Pan in this sense because of his lack of decision-making. Readers see throughout the story, Wendy wants Peter Pan to make a decision and act like someone else, mainly a father. They play pretend, but nothing ever becomes concrete. Similarly, Barrie plays pretend with Mary in their relationship and yet does not make it concrete by proposing. Barrie never liked solid decisions, showing forth in his actions towards Mary.

As one can see, decisions elude Barrie and Peter Pan because they both know that those decisions bring about ultimate circumstances, something neither of them likes. These decisions also mean concrete actions, which Peter Pan shies away from at all costs. He never discusses feelings or anything that holds any solid hold and always lives in a state of make believe: “‘I was just thinking,’ he said, a little scared. ‘It is only make-believe, isn’t it, that I am

a father?" (Barrie 122). Peter loves playing pretend father with Wendy, but the thought of him actually as a father terrifies him. Barrie similarly strays away from decisions, as evident in his relationship with Mary.

Since Peter and Barrie hated making decisions and taking responsibility, many things have caused various speculations to occur. Barrie's hesitation towards proposing and making his relationship with Mary actual has made many speculate on Barrie's sexual nature. Since he never explicitly spoke about a sexual desire towards women, some have suggested that Barrie possessed homosexual tendencies. In a review of Piers Dugdeon's book about Barrie, Tanya Avakian suggests this: "Dugdeon more or less assumes that Barrie was homosexual, but goes on to say, correctly, that if this was a known fact it is unlikely that he would have been entrusted with a family of boys" (Avakian). Even though speculations and assumptions have come forth about Barrie having homosexual tendencies, in his day, no one thought that or brought it to anyone's attention. Still, no one knows for certain whether Barrie indeed had homosexual tendencies or not, and ultimately he proposed to Mary because he knew he needed to make a decision:

He knew she wanted to marry him, and, in a way, he longed for the stability of a home where he could entertain his friends with an attractive wife at the other end of the table. But he hesitated, as he had hesitated

for months. Heaven knows what dark night of the soul James Matthew Barrie went through at the idea of a union with a flesh and blood woman. He would never again be able to escape into romantic images when life brought his high-powered imagination into conflict with the realities of marriage (Dunbar 107).

Barrie knew the responsibility that came with marriage, hence his hesitation towards it. Another reason as to why Barrie proposed alludes to the desire to have the stability of a home. This also could have been a way for him to hide his true homosexual nature because society looked down upon that way of life in this time period. Barrie knew that his mind worked in ways that other's minds did not, setting him apart from other writers. These differences had to do with his desire to go on adventures and to escape reality, something he did not see in his comrades as much as in himself. Thus, he could have looked at marriage as the saving thing he needed to make him like everyone else. As one can see, Barrie's hesitation towards marriage brings up many speculations on the true sexual nature of Barrie, something that we may never know.

The sexual nature of Barrie and Peter Pan still brings up more similarities between the two males. In Barrie's biography, it seems he never expressed a desire to have sexual relations with a woman, especially at a young age, though he has always expressed his fascination with members of the opposite sex. Even though Barrie marries Mary, he ne-

ver discusses his marriage with her in any of his autobiographies as W.A. Darlington writes, “He has not spoken directly of his marriage in any of his autobiographical writings, but in Tommy and Grizel...there are many passages which I can only interpret as being intended to analyse and account for those very reserves and complications in himself to which Mary Ansell refers” (Darlington 82). These complications in his personality that Mary talks about include his tendency to fall in love with his idea of a woman, rather than the woman herself. Mary experienced this firsthand, which is why she and Barrie divorced in 1909. Though he does not mention his insecurity in the matter anywhere, one can speculate that his disappointments and problems with the issue manifest themselves through Peter Pan, who likewise cannot grow up and have sex with a woman. Peter may play pretend with Wendy all day and act as the father figure; however, when it comes to it, he will never have sex with her. This realization mainly comes from the fact that he can never grow up and therefore will never possess the ability to have sex with her. The desire to forever stay a child involves many things, but at its heart, it refers more to Peter’s resistance to adult sexuality, correlating to Barrie’s own resistance to it. The idea of adult sexuality terrifies Peter, as seen in the same quote about him verifying the falsehood of him as a father.

On the other hand, the idea of Peter Pan and Wendy having a sexualized relationship is something that has developed in all of the more recent adaptations of Peter Pan. One can argue that Barrie never intended for Peter Pan to have any sexual feelings towards Wendy because he is just a little boy. Krystal Hawkins describes it in her essay:

These modern adaptations of Barrie's work consistently simplify Peter Pan by disregarding the homosocial aspects of the text and presenting the narrative with heterosexual denotations that are non-existent in the original. Most modern adaptations also simplify the narrative by removing the issues of heterosexual uncertainty and masculine insecurity, which are prevalent themes in Barrie's original (Hawkins iii).

Hawkins brings forth the interesting argument that modern images of Peter Pan have strayed away from the original in the sense of ignoring the homosexual undertones the story has. These homosexual undertones in Peter Pan also further support the notion of Barrie as a homosexual because he put them into his work. All of these speculations just support the arguments that this story brings many paradoxes to the surface, rather than solid ideas.

Another sign of Barrie's resistance to this part of adulthood involves his obvious impotence. In all of the years of Barrie and Mary's marriage, they did not have a

child, something many have contemplated over for years. Though he plays with the Llewelyn Davies boys and acts as a second father in many ways, he never has children of his own, “he had been married for several years, and nobody had heard of either of the Barries’ mention a possible family, nor was there any hint that doctors had been consulted” (Dunbar 139). We can assume his longing for parenthood manifested itself in his relationship with the Llewelyn Davies boys because he spent great amounts of time with them. The Barries’ lack of children easily could have resulted from the impotence of Barrie, but also could have stemmed from his resistance to grow up. We do not know what went on between Barrie and Mary in their house, but they could have easily never spent alone time together. Through Mary’s journals, we can see the strains their marriage went through, especially when Barrie’s obsession with the Llewelyn Davies family began to happen. That must have had an affect on their marriage and made Mary bitter towards Barrie. Even though lack of children likely involves Barrie’s incapacity to have children, it also could have stemmed from a strain on their marriage and the lack of their time spent together.

Similarly to Barrie’s relationship with the Llewelyn Davies boys, Peter Pan plays pretend father to the Lost Boys; however, he does not possess any responsibility over the Lost Boys or the Darling children. Barrie might have vi-

ewed his relationship to the Llewelyn Davies boys in this same manner. He spends large amounts of time with them, but never assumed sole responsibility over them while their parents lived. Instead, Barrie acted as a comrade or friend rather than an adult. Barrie seemed to view himself as a child when around the Llewelyn Davies boys, something that further fueled his desire to go back to childhood. However, before one can further look into Barrie's relationship with this family, one must see how Barrie viewed them and first introduced himself to them.

Barrie's introduction to the Llewelyn Davies family marks the beginning of the most extraordinary time in Barrie's life. Author and biographer on Barrie, Andrew Birkin, describes the family as this:

‘there never was a simpler happier family until the coming of Peter Pan’ wrote Barrie in Peter and Wendy. Doubtless he was aware of that, in describing the Darling family thus, he was alluding with shades of perverse humor, to his own intrusion into the lives of the Llewelyn Davies family, on whom the Darlings were to be based (Birkin 46).

This family became his obsession. He met the mother of these extraordinary and influential boys while at a dinner party and immediately became overwhelmed by her beauty and grace. He described his thoughts about his first impression of this woman, referring to her as “the most beautiful

creature he had ever seen” (Birkin 45). She and the rest of her family immediately entranced him, causing him to form a close and at times unhealthy relationship with her and her sons.

Because of Barrie’s close relationship with the Llewelyn Davies boys, they became his friends, muses, and obsession, ultimately helping and influencing him to write his most famous work: “what I want to do first is to give Peter to the Five without whom he never would have existed” (Barrie 3). In the introduction to the play, Barrie gives them the credit for Peter Pan existing because in all of their hours of playing pretend, Peter Pan appeared. The Llewelyn Davies had 5 boys, but at the time of their introduction to Barrie, they had only three: George, Jack and Peter. Barrie loved all three of the boys instantly when they moved near him and his wife in Kensington Park Gardens. However, he became closest with the eldest, George, who had the greatest influence on him, “But it was George who won his closest affection, and their friendship soon started to blossom in the pages of Barrie’s notebook” (Birkin 56). This close relationship soon manifested itself into the book, *The Little White Bird*, with George characterized as the little boy “David.” From the first line of this story, the reader can make the connection between the main character, David, and George, the eldest Llewelyn Davies boy: “Sometimes the little boy who calls me father brings me an in-

visitation from his mother” (Barrie 1). The “little boy who calls me father” refers to George because of his close relationship with Barrie. Birkin also explains this story as such, “Just as Tommy and Grizel chronicled Barrie’s failing marriage and his own inability to grow up, so *The Little White Bird* follows his relationship with George and his own profound yearnings for fatherhood—or perhaps, motherhood” (Birkin 57). *The Little White Bird* reveals more about Barrie, as the man in the story seems to be a shadow of Barrie himself through various similar qualities such as: “My St. Bernard dog accompanied me” (Barrie 31). We know that Barrie had a St. Bernard dog that always accompanied him, especially when the Llewelyn Davies boys were with him. Not only does it show the reader more about Barrie, but *The Little White Bird* happens to have the first time Barrie’s audience gets a glimpse of a future character of Barrie’s—Peter Pan: “If you ask your mother whether she knew about Peter Pan when she was a little girl she will say, ‘Why, of course, I did, child’” (Barrie 95). An entire chapter in *The Little White Bird* describes Peter Pan and how he came into existence, showing the first glimpses of this fascinating little boy.

Therefore, it is easily seen how the shadow of Peter Pan always followed Barrie throughout his life because of his inner struggle with the parallel issue of hating adulthood and yet succumbing to its inevitability. Though Peter’s sha-

dow always pursued Barrie, the first time the reader gets to know Peter does not occur until the publishing of *The Little White Bird* in 1902: “knowing in his innocence that the little white birds are the birds that never have a mother” (Barrie). The “little white birds” symbolize the children who never grow up and never have a mother. As seen in this short story, Barrie used birds and children interchangeably with one another: “All children could have such recollections...for, having been birds before they were human, they are naturally a little wild during the first few weeks, and very itchy at the shoulders, where their wings used to be” (Barrie 96). Barrie’s association with birds and growing up align with the common saying “leaving the nest” or “empty nest” when parents no longer have children at home. Also, *The Little White Bird* gives Barrie’s audience a taste of his obsession with children and not growing up since it gives the reader one of the first glimpses into Barrie’s position on this idea.

Throughout *The Little White Bird*, the reader sees how Barrie views Peter Pan as a little bird as well. In fact, the early stages of Peter involved him as a bird because Barrie viewed all children who did not grow up in this way, as little birds: “He [Peter] was quite unaware already that he had ever been human, and thought he was a bird” (Barrie 96). However, it seems Peter held the place as Barrie’s favorite bird, since he later wrote an entire play and story about

him. Not only that but because Barrie mulled over this idea of Peter Pan for quite some time, he gave much thought into his origins, “Peter, however, was still able to fly because his mother had forgotten to weigh him at birth. He therefore escaped through the unbarred window and flew back to Kensington Gardens” (Birkin 62). Through these ideas about the origins of Peter Pan and how he came about, the reader sees another idea of Barrie’s—his new view on parents. Barrie loved his mother and never spoke ill of her or his father; however, he paints a portrait of parents conversely to this in his stories. The mother forgets to weigh little Peter, causing him to fly away. This somewhat puts the parents in the position of the antagonists. This notion of the parents as the antagonists makes the reader view them negatively—as the ones who go against the idea of Peter Pan and childhood innocence. The association with the parents, or adult, as the villain, resonates and contrasts with the television show, *Once Upon a Time*, which I will discuss later on in the thesis.

However, before jumping into the modern adaptation of this character, one must address the original image of Peter Pan and mull over the speculations on Barrie’s intentions in creating Peter Pan in order to fully grasp the intentions of the writers of *Once Upon a Time*. Scholars discovered that Barrie constantly thought about and discussed Peter Pan with the Llewelyn Davies boys, “whatever the ori-

gins, Peter Pan soon became the topic of endless discussions between Barrie and George, recorded by Barrie in *The Little White Bird*” (Birkin 63). As a result of this, we know that each of the boys had an influence on the character of Peter because Barrie revealed that to his readers, “As for myself, I suppose I always knew that I made Peter by rubbing the five of you violently together, as savages with two sticks produce a flame. That is all he is, the spark I got from you” (Barrie 3). Peter is then essentially a hybrid of all 5 of the boys. Not only that, but the boys helped develop Peter, meaning they helped Barrie think of the qualities Peter possessed while they all played together. This is why Barrie gives them so much credit in the introduction before the play was first published in 1928. The Five and Barrie enjoyed spending time together, dreaming about Peter Pan and all of the adventures he had.

Over the time that the Five and Barrie spent together, the idea of Peter Pan developed into an actual little boy: “The Davies boys heard a great deal about the Birds’ Island, and presently another name slipped in, Peter Pan. No one knew where he came from, least of all his creator... The boys soon got to know him as if he actually existed” (Dunbar 149). Peter Pan morphed into a solid being, rather than just a figment of Barrie’s imagination. Barrie allowed this little boy to inhabit every crevice of his brain, essentially mixing his story and Peter’s into one.

As one can see, the birth of Peter Pan did not occur instantly, but rather over years of pondering over the idea of never growing up. This idea embedded in the mind of Barrie, ultimately causing the feeling to be personified in this beloved character. Many believe the reason for Barrie's love of the Llewelyn Davies brothers sprang from his own longing for boyhood again. He gained inspiration from these boys, but he also got to experience what he longed for again: boyhood. We know this longing had been with Barrie his whole life, as evidence shows in the conversations he had with his mother, as well as the things he wrote in his journals. Thus, having the freedom to act like a little boy and play with his young friends gave Barrie so much joy. He had the ability to be with children and not have the accountability of being a parent: joy and fun without responsibility—something Peter Pan knew a great deal about.

Though scholars have come to various conclusions on the origins of the little boy, the actual character of Peter Pan still causes a variety of ideas and speculations among readers because he has conflicting feelings and emotions. From the story, the reader can speculate that Peter Pan hates the idea of growing up, always eludes danger and seems to have a sinister and cocky side to him. All of these qualities bring up the question of his true nature: is Peter Pan as innocent as everyone has believed since the beginning? Because of this question, Peter hits on the inner paradoxical

struggle that Barrie dealt with his entire life by representing the problem of growing up.

Inevitably, everyone grows up; but even knowing this, Barrie still found problems with it whenever he faced the idea. Chaney addresses this fact in her biography on Barrie, “For him it wasn’t simply that growing up was a passing difficulty that one gradually found ways of accommodating; to an unusual degree its implications touched all aspects of his life” (Chaney 3). In this statement, she points to the fact that Barrie did not just view growing up as inevitable and then accept it; but rather he let it saturate every aspect of his life, bogging him down with the idea of growing up, much like Peter Pan. Instead of viewing the story of Peter Pan as just a form of escapism from his real life, he saw it as the ability to investigate this idea of growing up. Barrie used Peter Pan as the means to challenge the idea of growing up and in turn, ask the reader why growing up has to occur.

In order to understand the character of Peter Pan though, readers must first grasp just how extensively this concept of growing up fascinated and resonated with Barrie. He did not solely write about it in Peter Pan, but also mentioned it in two of his other stories, *Sentimental Tommy* and *Tommy and Grizel*. The character Tommy Sandy also failed to grow up, but his failure had a more honorable quality to it than Peter’s. The difference between

Tommy and Peter comes from the fact that Tommy does nothing about not wanting to grow up, unlike Peter, who runs away from it by leaving his parents at a young age. Tommy seems to want to return to his childhood because the prospect of adult life terrifies him, which sounds similar to Barrie himself who constantly sought the company of children. It also sounds similar to Peter Pan who was scared at the thought of fatherhood. This description of Tommy by Darlington sounds eerily similar to Barrie when he was faced with marriage, “He [Tommy] is afraid of marriage, afraid of reality, and—since she is an utterly real person—afraid of her” (Darlington 82). Both of these men fear reality and facing real people. Through reading this story, the reader can plainly see how Tommy is tied to Barrie, even to a point of calling him “Barrie’s Mr. Hyde” (Darlington 82). At the end of the story, Barrie almost reveals that he truly is Tommy:

“Have you discovered that I was really pitying the boy who was so fond of games that he could not with years become a man, telling nothing that was true, but doing it with unnecessary scorn in the hope that I might goad you into saying, ‘Come, come, you are too hard on him’” (Barrie 264).

Barrie’s personal feelings towards growing up manifested themselves in the character of Tommy almost more specifically than in Peter Pan because they alluded to Barrie

more explicitly through Tommy. However, Tommy symbolizes just the beginning of Barrie's personal expression of the idea of growing up in his literature.

Peter Pan's true intentions bring up many inner conflicts right when the reader first meets him. He comes to Wendy and tries to convince her to run away with him to Neverland where adults do not exist and no one ever grows up: "Wendy, do come with me and tell the other boys" (Barrie 37). Peter Pan embodies the first bad boy image, even as a child. Asking someone to run away does not necessarily make him evil; however, he turns the parents into the villains, or at least he views them with disdain: "When he saw she was a grown-up, he gnashed the little pearls at her" (Barrie 12). Throughout the whole story, the reader begins to view the parents as the bad guys because of what Peter has told us about them. We know that Peter had parents once, but he ran away from them when he heard them talking about him growing up. Does he now hate parents? We have cause to believe that he does: "Not only had he no mother, but he had not the slightest desire to have one. He thought them very overrated persons" (Barrie 29). We also know that he cringes at the thought of growing up himself: "I don't want to be a man. O Wendy's mother, if I was to wake up and feel there was a beard!" (Barrie 194). The thought of growing up fills Peter with dread. According to Justine Picadie, Barrie's original title for Peter Pan was "The Boy

Who Hated Mothers.” Clearly from that title we can assume Peter hates parents. However, a contradiction to this assumption that Barrie places in his novel comes when Peter pretends to be the father of the lost boys and Wendy pretends to be the mother. Even though he hates parents, he still wants to be one. Though Peter puts on the façade that he never desires to grow up, he actually appears to long for it. Much like Barrie, though, Peter will never have the ability to grow up due to lack of sexuality, as discussed earlier.

Similarly to Barrie, Peter battles the desire of growing up and the resistance to it. He continually puts down mothers and the thought of growing up: “For one thing he [Peter] despised all mothers, except Wendy” (Barrie 90). Yet, he plays pretend mother and father with Wendy and the Lost Boys: “They called Peter ‘The Great White Father’” (Barrie 116). Of course Wendy played along as the mother: “Secretly Wendy sympathized with them a little, but she was far too loyal a housewife to listen to any complaints against father” (Barrie 117). To reiterate, Peter will never have the ability to have sex with Wendy though, showing that he can never truly grow up and reach adulthood. Conversely though, Peter seems to understand all aspects of what it means to grow up—that ultimately, one dies. Peter’s knowledge on this especially shows forth in his famous quote, “To die will be an awfully big adventure” (Barrie 110). Here the reader sees bits of Peter’s philosophy on li-

fe. Yes, his mindset assumes that of a little boy, but on some level, he actually understands the concept of death. Barrie experienced many deaths in his life that all shaped him and the results of how it affected him show forth in Peter Pan. Peter Pan understands that death comes with growing up and that it holds the ultimate unknown adventure—something that both excites and scares him.

No one living can fully understand death because they have not experienced it; therefore, death is something that neither Barrie nor Peter can make sense of. Their apprehension shows how much they fear the unknown, which shows why Peter and Barrie avoid concrete decisions and growing up. Even though Barrie had no way of knowing the future, he did not rest in the peace of that. Rather, he lived out of fear by trying to avoid growing up as much as possible. Peter Pan acts the same way by running away when he heard his parents discussing his future. A reason for that ties into his love of boyhood; however, another reason for his flight ties into his fear of the unknown. Barrie makes Peter view it as the biggest adventure of all because he, obviously and truly, has no idea what it will be like. Though he is only a child, Peter gives death a certain respect that he does not show towards adulthood.

In resisting adulthood, both Barrie and Peter Pan reveal something about their character: they both battle fear. Fear rears its ugly head in various forms, one seen in the form of

resistance or hatred. Peter Pan hates adulthood and adults alike because he hates the idea of growing up. However, what if his hatred of growing up only comes from his fear of it? The fact that he ran away also supports this. Author R.D.S. Jack describes it in his novel, “Peter Pan as a ‘type’ of eternal child possesses all youth’s attractive qualities—the energy, imaginative freedom, beauty and wit. But, behind him lies fear—the fear of innocence invaded by sexuality; liberty by responsibility; youth by age” (Jack 167). Jack hits on every one of Peter’s, as well as Barrie’s, fears. They both feared sexuality, responsibility and age resulting in this unwavering fear of growing up.

As seen in the various common images throughout the story, the reader picks up on one of the most prominent themes in the entire play: adventure. Peter views everything as an adventure, causing him and those around him to live in a false reality. Peter lives with the idea that everything can be turned into a great adventure with no consequences. He always looks for excitement and does not seem content with the ordinary. Barrie’s mindset aligns with this concept. Barrie’s sole desire in life involved wanting to go on adventures to islands and discover things. He longed for the types of adventures he read about, discussing this personal longing in his introduction to *Peter Pan*, as mentioned earlier: “craving to be a real explorer, one of those who do things instead of prating of them....he is now a man, real explo-

ration abandoned (though only because no one would have him)” (Barrie 7). Unfortunately for him, he never had the opportunity to go on any adventure, thus focusing on writing about them. Since he could not physically participate in an adventure, his mind always thought of them, thus creating Peter Pan’s adventures.

The sense of adventure Barrie carried with him showed forth with the Llewelyn Davies boys. They would always make up stories about vast adventures they went on, ultimately creating Peter Pan together in that manner. For example, while playing one day, Barrie created a villain for himself to play named Captain Swarthy. Later on, this pirate becomes the infamous Captain Hook, otherwise known as Peter’s sworn enemy. It is interesting to see and read about all of the adventures between Barrie and his young friends because it shows that this beloved children’s story did not just come from Barrie sitting at a desk. His entire life influenced this tale, from his brother David to these young boys. We know that Barrie even put a little of himself into the character Peter. This mixture of elements is why this tale has stayed around for so many years after its publication.

The author White brings up an interesting point as to why Peter Pan holds so much power over generation after generation, “Alone of all of Barrie’s literary works, Peter Pan remains vital today because it speaks nostalgically about our wishes to keep children young, while reminding

us mercilessly about how cruel childhood can really be” (White vii). After all, Peter Pan is only a boy. However, White and many others have speculated over this childhood character demonstrating to readers that he represents more than just childhood innocence. What Peter Pan does involves much more than just inviting its readers to escape reality and dream of Neverland; Peter Pan allows readers, both children and adults alike, to challenge the norm and think on why they grow up and to challenge the notion of childhood innocence.

The reason that Peter Pan fascinates generation after generation of readers comes from the fact that Barrie juxtaposes the states of childhood and adulthood against one another through Peter himself constantly showing a desire to be a father and a loathing of mothers. He shows the audience the cruelty and wonders of each side, furthering the statement that all things have two sides to them, both good and bad. Children represent the ultimate form of innocence, but also show how much cruelty comes with it. Barrie personally experienced this in his own life, specifically through the death of his brother, but also in other tragedies he experienced his whole life. The tragic event happened and shocked the entire family, but it also brought Barrie and his mother closer together. This idea of paralleling images manifests itself through the story. However, it is not the only idea in this story that brings up questions.

The idea of multiplicity in Peter Pan also manifests itself in the main setting of the story: Neverland. Neverland does not embody one thing specifically, but rather a multitude of whatever the child thinking of it wants. Barrie intended for it to seem this way: “For the Neverland is always more or less an island, with astonishing splashes of color here and there...of course the Neverlands vary a good deal” (Barrie 7). Barrie intends for Neverland to hold different characteristics in each child’s mind; hence the appeal to so many generations because each reader can make Neverland to his or her own specifications. White and Tarr also describe it in their introduction:

“Neverland is never innocent, nor is heaven or hell, nor reward or punishment, but rather an imaginary place individual to each child, reeking with desires for safety and home as strong as those that lured each child away from home in the first place” (White viii).

Viewing Neverland as an unsafe place unsettles readers who have always envisioned it as an island full of happiness and joy, inhabited by forever children, who always play pretend and have fun. Conversely, these authors argue that Barrie never intended for it to be that way, since the island holds many dangers, such as pirates, Indians and a ticking crocodile. When looking further into the background

of the story itself, the idea of Neverland as actually not innocent holds more truth to it.

Neverland holds many dangers that do not seem suitable for children. Pirates seek to kill lost boys and the boys want to kill Indians. Peter Pan always gets into mischief and an adventure always happens. The island sounds like an interesting place that would never bore you, which is exactly how Barrie wanted it to seem. He intended for this island to be an adventure, not a safe haven. He always longed for adventure for himself, yet never had the opportunity to go on one. Because of that, he added adventures into his stories where he could always go freely and frequently.

In spite of this, a question arises: because of Neverland's lack of innocence and abundance of danger, why do children dream about this place and the boy who can take them there? They dream about it because of the malleability it holds with each child. Every child has a different personality and unique passions, just like the Darling children in the story. The different ways that Neverland can appear appeals to the variety of audiences, causing the dominance of this story for many years. Peter Pan himself also can relate to each child's personality in different ways because he contains a variety of characteristics and qualities. He is mischievous, playful, sweet, naughty, arrogant, and many more all wrapped up into one little boy. Therefore, anyone can relate to him because of the different facets of his cha-

racter. White and Tarr address the influence of Peter Pan in their introduction:

“Peter Pan seems to be the mightiest figure in children’s literature...leaving his traces on our stories or his shadow to haunt us. He engages us in secret dialogue so that we continue the conversation that Barrie began, arguing the silliness of Neverland even as we manage to squeeze Peter into our literary dreams.”
(White)

They argue that ever since the beginning of Peter Pan’s existence, he has dominated children’s literature. Over the years, authors have introduced a variety of children and fantasy characters to audiences, all with influential qualities. Yet, Peter Pan still comes out as the prevailing and quintessential image of children’s fiction. He contradicts himself in more ways than one, but that has not affected his popularity on the genre.

Barrie wrote Peter Pan in an era when childhood began to hold value in the eyes of adults, rather than looked down upon, “The elements making up Peter Pan inescapably reflect certain ideas and preoccupations of the time. Barrie’s genius lies in how he treats them” (Chaney 207). Chaney points out how the view of children shifted and how Barrie addressed these issues in his story, Peter Pan. This era produced an abundance of children’s literature, but what makes Barrie’s story unique involves his portrayal of the

child and how it attacks adulthood and everyone's innate desire to remain children. Since Barrie portrayed Peter in this way, readers can see why it has stayed so popular over the years. Peter paints a unique image of childhood, unlike other stories written in this era because he brings out their innocence while also questioning adulthood.

Another reason why Peter holds an enormous amount of power over children's literature comes from the ideas he plants in readers' minds. Peter symbolizes the quintessential example of never growing up and all the glory that comes with it. The presumption can be made that every person battles with the desire to never grow up at one point in their childhood. Growing up seems scary, daunting and unknown: all things uncomfortable. However, with the opportunity to fly away to Neverland and never have to grow up, why would you not take it? The doubt that all children seem to battle is what attracts them to Peter Pan.

In terms of relating this concept of not growing up back to Barrie's own childhood, many correlations are made when it comes to his own choices and thoughts. From a young age, we see how his own conversations with his mother immediately put the desire of never growing up into his mind. She would talk of her childhood, romanticizing it in a most desirable way. Barrie grew to share this romanticized view of childhood with his mother, putting him in another world entirely. The death of his brother al-

so shifted his view on growing up. As mentioned earlier, his brother died just short of his 14th birthday, making him still a child, preserved in that age of innocence for eternity. When studying the character of Peter Pan, the reasons behind why Barrie created him the way he did show forth more clearly when one looks into his life. Therefore, modern viewers of Peter Pan can better understand why this new and updated version of the character acts the way he does. Perhaps the new version of Peter Pan aligns closer with Barrie's version of Peter than originally thought because, at first glance, Once Upon a Time's portrayal of Peter comes across extremely dark and sinister.

In the first episode of season 3 of Once Upon a Time, Peter Pan is introduced as the ultimate villain, causing fear in every character on the show because of what he has the ability to do. Peter can manipulate all situations, creating chaos wherever he goes, which makes this boy seem very different from the little fairy boy that Barrie first wrote about in the early 1900s. However, in order to understand the principle villain in the show and why he acts the way he does, one must first understand the show itself.

Once Upon a Time takes place as today's modern book of fairy tales. It portrays all of the beloved fairy tale characters that everyone grew up with: Snow White, Cinderella, Sleeping Beauty, and more. It also adds more depth to less known tales, such as Mulan, Rumpelstiltskin, Little

Red Riding Hood, and many others. What this show does so brilliantly with these characters has to do with the storylines and depth it gives each of them, making each one come to life. Rather than just depict the commonly known tales, the screenwriters add twists and turns that no one sees coming. Not only that, but it gives a completely different story than one might not expect causing unlikely alliances among characters, and making the viewers create shocking allegiances to formerly unloved characters. One character that receives a drastic makeover is Peter Pan.

Once Upon a Time overturns the original idea of Peter Pan by turning him into the ultimate villain, hated by all. Even though he is just a boy, the audience sees how much manipulation and selfishness his character holds. Peter no longer portrays the image of an innocent little fairy boy, but instead, he takes the place as a villain. He turns people into pawns for his own gain and seeks to get what he wants, no matter the cost. This updated version of Peter Pan does not care about who he hurts, as long as he gets his ultimate desire: eternal youth and power. His story involves more darkness than the original play Barrie wrote. Even though critics have not begun to write about this show or Peter Pan in the show yet, one can still critically look at it and see the similarities and differences between the original Peter and the Peter portrayed in the show.

The audience first hears of this boy when the plot forces the protagonists to go and rescue one of the show's major characters, Henry, from Peter's evil clutches. The protagonists must venture to this land known as Neverland in order to prevent Peter Pan from taking Henry's beliefs and using them for his own benefit. Hook and Rumpelstiltskin have warned all of the others of the gravity of Peter's evil, making them fear him even more. As a result of this, even before the audience meets Peter, they have an image of him branded into their mind coming from what the other characters say about him. The audience and characters on the show first hear of Peter from an unlikely alliance, Captain Hook, who warns the rest of the crew about Pan: "Careful, he may look like a boy, but he is a bloody demon." A demon holds a strong connotation with evil, which is exactly how Hook thinks of Peter. No matter how mischievous Barrie intended for Peter to act, his character does not hold anything evil about him from the original interpretation of him. Yet, the show's writers want the audience to view him as an evil villain set out to get what he wants and ruin others in the process.

Neverland no longer holds the same magical and fantasy qualities it once had because Peter no longer has the well-known innocence about him. Realizing that the show has changed Peter Pan in this way results in more critical analysis of the character. Looking into Barrie's life and the

birth of Peter Pan has satisfied, and yet intensified, my curiosity on the matter. One cannot just skim the surface of Peter Pan and get his or her answers because of the abundance of information and critical reviews on the matter. However, even though the new adaptation has not brought as much criticism yet, it still stirs different emotions and thoughts in the reader's mind while viewing each episode.

The truth of this version of Peter Pan comes in his honesty. He honestly wants what he wants and does not give the appearance of goodness. What makes this version of Peter evil is that he will do whatever it takes in order to gain ultimate power and eternal youth. The idea of never growing up consumes him to the point that he kidnaps and kills for it. His personal history shows this about him. As each episode airs, the audience learns more about Peter Pan's story and what made him desire to stay young forever.

Interestingly enough, Peter Pan once had a son. Hating life as an adult, he and his son flew to an island that fulfilled all of their desires. However, because of his desire to remain a youth, Peter traded his son for eternal youth. Right from that moment, the audience begins to hate Peter for his decisions and actions. The show portrays Peter as a once-man turned boy forever, rather than a boy who stays a boy forever. Not only that, but Peter Pan puts forth a paradox since he was once a father. This paradox involves pa-

rents turning into the villains, something subtly seen in the original story of Peter Pan as well. This idea of parents as the villains resonates with the show given Peter Pan's true identity, Rumpelstiltskin's father, and yet it contrasts with it because Peter Pan becomes evil, and known to the characters as the worst possible villain. The modern view of Peter Pan through the show contradicts itself because he holds both positions of evil parent and evil child. Though one can see how this portrayal of Peter obviously differs from the original story, this story also holds truth and aligns with Barrie's version of Peter.

The truth comes from the intentions of Barrie in writing Peter Pan. He wanted the readers and viewers of the play to think while enjoying his work. Rather than just lamenting the fact that growing up inevitably happens, Barrie wanted his audience to think about why. It seems impossible to read Peter Pan and not think about growing up and why it inevitably happens, since that theme prevails throughout the entire story. With that as the case, darkness inevitably also shows up woven into this story.

The darkness that illuminates itself from the crevices in the story appears in the intentions of Peter Pan. As discussed earlier, Peter never truly comes out and says anything downright evil or wicked. This sinister element from his character shows up in the underlying message he gives off to the audience. His passion for not growing up and against

adults manifests itself into a mischievous and threatening element about the boy. Though he seems innocent, Peter Pan is actually quite threatening. He threatens the very nature of growing up and the norm that everyone knows and is familiar with.

Everyone knows that growing up will happen at some point to every child, but Peter Pan threatens this knowledge by planting the seed of doubt into children's and adult's minds. He gives them the idea that growing up does not actually have to occur and that they have the ability to choose to not grow up, by instead running away to do whatever they want, whenever they want. He persuades children to leave the familiar because he wants them to experience the constant childhood that he will always experience. But no matter how much Peter Pan denies his feelings, he longs for company. His loneliness shows forth most evidently through his constant need to bring someone to Neverland. It also shows in his playing games and pretend constantly. He does not want to face the reality of life and the tragedy that it brings. He knows that life brings ugly things with it and therefore runs away from feelings and truth whenever he faces them.

The similarities in Barrie's Peter Pan and Once Upon a Time's Peter Pan come from the threats that they bring. As discussed above, Peter threatens the norm and makes children and adults question things and doubt the plan. The

show's Peter Pan threatens everything about the characters lives and what they are used to. He wants magic all for himself so he can be the most powerful person alive. He threatens the system by desiring these things. Similarly, Barrie's Peter Pan threatens the normality of growing up. They both possess some sort of power over normalcy that scares the human spirit.

Perhaps this was the way that Barrie wanted us to view Peter Pan, as a threat and not as an innocent little child figure. However, through the different interpretations of this play and little boy, Peter has become this emblem of innocence and childhood. Yet, that was not how he was actually written. He actually has an arrogance about him that does not give off innocence at all. His arrogant nature shows forth in his declarations about himself and when he credits himself for things that others did for him, namely the sewing of his shadow. This one instance with Wendy starts the beginning of their relationship and gives us a glimpse of the true character of Peter Pan when he declares, "Oh the cleverness of me." (Barrie 30) This stands out because the reader sees that Peter is quite an arrogant little boy: "It is humiliating to have to confess that this conceit of Peter was one of his most fascinating qualities. To put it with brutal frankness, there never was a cockier boy" (Barrie 30). Peter's cockiness is one of his most obvious traits, something not usually associated with childhood innocence.

Throughout the pages of this story, the reader clearly sees how this little boy holds many conflicting emotions and ideas. For one to fully grasp the true intent behind his nature, one would need to talk to Barrie himself and find out the true meaning behind everything. However, since Barrie always acted shy about the actual nature of Peter Pan, all scholars have to go on is the history and the characteristics of this little boy. One scholar who speculates on the story of Peter Pan says this of the little boy,

“But there is a force at work in Peter Pan that goes beyond a tolerant regret over something we must always inevitably lose....Barrie sets up a deliberately antagonistic relationship between adulthood and childhood...he reveals the truly violent nature of that relationship and its groundedness in an irrational hatred.” (Coats 4)

The idea that Coats puts forth in this poignant statement alludes to the view of Peter Pan in *Once Upon a Time*. She brings up the idea of hatred as a common feeling in Peter Pan, if not his only feeling, “Barrie sets up a stark choice for both Wendy and the Lost Boys: to choose home, hearth, and a loving family means to reject the heartlessness of Peter Pan (which is how Barrie characterizes his essential childness)” (Coats 4). According to Karen Coats, Barrie created Peter Pan with hatred in his heart because that allows him to live as a little boy forever. Barrie seems to as-

sociate childhood with heartlessness, which is not what one usually thinks of when they view children. Children bring joy to parents and have innocence as their main characteristic, not heartlessness. However, Coats' statements lines up perfectly with Once Upon a Time's version of Peter Pan who gives up his heart when he trades his son for youth.

Readers of Peter Pan often miss the hatred that he has in his heart; however, according to Barrie that essentially makes him who he is. The show Once Upon a Time brings Peter's hatred to the surface, which essentially makes him a villain. He loathes the idea of adulthood and that makes him evil. Yet according to Coats and other scholars, Barrie intended for him to have a hatred of adulthood and to challenge the common idea of growing up.

With all of these differing emotions and things about Peter Pan, it is easy to form him into whatever one wants of him. This is why the writers of Once Upon a Time make him a villain on the show. They took the sinister and malicious qualities about Peter and morphed him into something completely different than other interpretations. As a result of this, the audience has a fresh way of looking at Peter Pan in order to revisit the story and formulate their own conspiracies on the boy and how Barrie intended for him to be written.

The character of Peter Pan in Once Upon a Time consumes his thoughts and entire existence upon staying young.

He cares about nothing else and will hurt anyone in the process in order to get what he wants. Sadly though, in acting this way, Peter misses out on the beauty that life brings. The audience sees this physically in the show when his son gets taken away from him. The result of him desiring to stay young forever means he cannot be with his son. The consequences of this desire bring many negative results. The writers seem to send a message to its audience by showing the negative side of never growing up. Not everything brings disaster and pain because there are always two ways of looking at a situation, and that includes childhood and growing up. This is the way Peter Pan should be viewed.

Not only does the new version of Peter Pan bring forth thoughts about the intent of the character, but also other speculations come to the surface involving the author of this story. Though not many critics have written on the matter yet, the idea that the man who wanted to return to his boyhood in *Once Upon a Time* refers more to Barrie himself than to Peter Pan has recently surfaced. Readers know that throughout Barrie's life, he consistently wanted to return to his childhood and remain a boy forever just by his mannerisms and how much time he spent with the Llewelyn Davies boys. It seems from this knowledge the screenwriters for the show manifest more of Barrie's character into their version of Peter Pan rather than the actual boy named Peter Pan. The version of Peter Pan on televi-

sion now embodies Barrie's character because of his desire to stay youthful. Though Barrie never traded his son for it, essentially he did trade having children in order to spend so much time with the Llewelyn Davies boys because he neglected his wife. Barrie never had children and thus never "officially" grew up and gained that responsibility. Once Upon a Time's Peter Pan trades the responsibility for youth, something Barrie might have done given the option. Having this theory float around gives the show another level of depth allowing the audience to further speculate on the reasons behind the character they have always loved and his desire to return to childhood.

Though Barrie never had a magical shadow turn him back into a boy, negative consequences still occurred as a result his relationship with the Llewelyn Davies boys. His wife ends up leaving him and ultimately the story of Peter Pan brings tragedy to the Llewelyn Davies boys themselves. Like the idea of Neverland, both positive and negative things resulted from Barrie's play. The television series also represents the negative and positive affects of a strong desire through the character Peter in a new and somewhat frightening way. This version of Peter has a more menacing character about him, showing the evil he possesses. It frightens and challenges the once innocent view of Peter children held, making more room for individual interpretation. Not only that, but this new Peter Pan shows modern

viewers the massive influence this character has over children's literature and the fairy tale.

The fact that this popular and modern show uses Peter Pan as one of its principal villains shows the consistent influence of Barrie's story over generation after generation of readers in children's literature. Many have mulled over this revelation for years, ever since the beginning of the story pondering over why Peter Pan has this power over a massive genre of literature. Other children's stories and characters come and go; nevertheless, Peter Pan remains a constant in the broad category. At the core of this argument, the obvious reason behind his popularity sits: Peter Pan is a fantasy fairy tale. Fairy tales take its readers to other worlds where they can act as whoever and whatever they want without any restrictions. It allows one to forget about his or her problems for the present time and escape into a magical land. Fitting into all of these categories, Peter Pan holds the ultimate power of escapism by transporting the reader to Neverland, where all one's problems disappear with no responsibility. The lack of responsibility on this clever little island captivates the audience more so than anything else.

Peter Pan also allows much room for one's own individual interpretation. Yes, Barrie gives his reader specifics on his character and the story of Neverland; however, one can also take the place of Neverland and make it into his or her own personal place of freedom and lack of respon-

sibility. This freedom to personalize the story of Peter Pan shows forth most evidently in *Once Upon a Time*. As discussed earlier, the show's writers have taken the story and put their own twist on the character and how they interpret him. They make him into a character of their own choosing because they have the freedom to do so. Perhaps when they were younger, they did not view Peter Pan as this innocent little boy. Perhaps they have always been afraid of Peter Pan and the fact that he could fly into their house at anytime and whisk them away to Neverland. Not everyone views Peter Pan in the same light; another reason why this character holds such malleability. He has the capacity to form into anything the reader or audience wants.

Over the years since the beginning of this play, Peter Pan has caused a ruckus among children's literature. It seems that writers of children's literature cannot write something without first coming face to face with the ideas that Barrie brought forth in his own children's story. As writers Donna R. White and C. Anita Tarr write in their collection of essays on Barrie, "Peter Pan seems to be the mightiest figure in children's literature, for most writers, especially fantasy writers, have to wrestle with his image at some point, either happily admiring the influence or so steeped in it that they do not even recognize it" (White xix). They suggest that his power over children's literature masses so large that every writer of children's literature must

face him at one point or another. This has truth to it because many children's stories involve not growing up, or have some traces of children seen as the innocent and adults as the not innocent. Not only those ideas, but also adventure, time and fairies all appear in many children's stories that have come after Barrie's tale. He reinvented children's fiction by bringing new ideas and concepts to this genre that still implement themselves today. Barrie's little shadow child holds more power than he could ever know, all because of his views on growing up and adulthood.

Peter Pan's story of flying away to Neverland and living with the fairies made an impact on the genre of children's fiction. Barrie's entire life affected this story, with his mother, his brother's death, the Llewelyn Davies boys, and many other crucial points in his life. Barrie's thoughts revolved around time and the idea of staying a child forever. Like Peter Pan, Barrie did not want to become an adult and have responsibility. Since he could not fly away to Neverland, he wrote about it and the adventures he would have in his stories. Barrie experienced all of the ups and downs that come with adulthood, saving Peter from that agony. Through his character, he was able to experience an adventure of a lifetime, killing off pirates and flying with fairies. This special adventure is not only Barrie's thought, as the Llewelyn Davies brothers influenced Peter Pan tremendously because without them, Peter would not exist.

Peter brings up many contradicting arguments, though he is only a child. He causes the reader to question this idea of time and growing up, and makes them wonder about their own personal Neverland, which Barrie intended for his story to do. So much so that the television show, *Once Upon a Time*, decided to twist the original story and make Peter Pan a villain. This modern interpretation of the little boy caused its viewers to revisit this beloved tale and figure out why they made him evil in the show. Though it seems farfetched, it actually holds much truth to it as Peter has a mischievous, and perhaps darker side to him than originally perceived.

In order to fully understand this character, one must sit down with Barrie himself and discuss Peter Pan. However, since that cannot come to fruition, we must satisfy our curiosity of this little boy with contemplating the origins and ideas he brings forth through readings and other means. However, as time passes, we will grow up and soon forget to fly, moving on to adult things and gaining responsibilities, as the cycle must happen: “and thus it will go on, so long as children are gay and innocent and heartless” (Barrie 207).

WORKS CITED

Avakian, Tanya B. A Review of Piers Dudgeon's Book. 2010. Online.

Barrie, J. M. Peter Pan. Puffin Books: New York. 1967. Print.

Barrie, J. M. The Little White Bird. Renaissance Classics: USA. 2012. Print.

Barrie, J. M. The Plays of J. M. Barrie in One Volume. Charles Scribner's Sons: New York. 1945. Print.

Barrie, J.M. Margaret Ogilvy. 1896.

Barrie, J.M. Tommy and Grizel. 1900.

Birkin, Andrew. J.M.Barrie and The Lost Boys: The Love Story that Gave Birth to Peter

Pan. Clarkson N. Potter, Inc. Publishers: New York. 1979. Print.

Chaney, Lisa. Hide-And-Seek With Angels: A Life of J.M. Barrie. Hutchinson: London. 2005. Print.

Darlington, W.A. J.M. Barrie. Haskell House Publishers LTD.: New York, 1974. Print. Dudgeon, Piers. Captivated: J.M. Barrie, the Du Mauriers and the Dark Side of Neverland.

Chatto & Windus, London. 2008. Print.

Dunbar, Janet. J.M. Barrie: The Man Behind the Image. Houghton Mifflin Company: Boston. 1970. Print.

Hawkins, Krystal Lynn, "Masculine Uncertainty and Male Homosociality in J. M. Barrie's Peter Pan Stories" (2008). Open Access Dissertations and Theses. Paper 4680. Jack, R.D.S. The Road to The Never Land: A Reassessment of J.M. Barrie's Dramatic Act. Aberdeen University Press: Aberdeen. 1991. Print.

White, Donna R. and C. Anita Tarr. J.M. Barrie's Peter Pan In and Out of Time: A Children's Classic at 100. The Scarecrow Press, Inc.: Lanham. 2006. Print.

UNIVERSITY OF TENNESSEE, KNOXVILLE

Trace: Tennessee Research and Creative Exchange
University of Tennessee Honors Thesis Projects University
of Tennessee Honors Program

Citação recomendada:

Frazier, Katherine E., "The Peter Pan Paradox: A Discussion of the Light and Dark in J.M. Barrie's Shadow Child" (2014). University of Tennessee Honors Thesis Projects.

http://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj/1706

http://trace.tennessee.edu/utk_chanhonoproj

English Language and Literature Commons

Esta dissertação/tese chegou até você por meio do programa da University of Tennessee Honors Program at Trace, gratuita e livre: Tennessee Research and Creative Exchange. Para mais informações: trace@utk.edu.

EXPEDIENTE

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Presidente: Ricardo Giassetti

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Larissa Meneghini, Tatiana Bornato

Conselho consultivo: Alberto Hiar Jr., Aurea Leszczynski Vieira, Leonardo Tonus, Marcelo Amstalden Möller, Marcelo Andrade, Marcelo Gusmão Eid, Rodrigo Faria e Silva, Renato Roschel, S. Lobo, William Hertz.

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2019 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

O paradoxo de Peter Pan: uma discussão de luz e sombra sobre a criança obscura de J.M. Barrie, de Katherine E. Frazier

Publicado originalmente em 2014, © Katherine E. Frazier.

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Edição: Renato Roschel

Tradução: Ricardo Giassetti

Revisão: Gabriel Naldi

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Atualize-se sobre novas edições deste ebook, conheça outros títulos ou faça o download para outros sistemas de ereading em: <https://dominioaopublico.org.br/ebooks/o-paradoxo-de-peter-pan/>



O Instituto Mojo de Comunicação Intercultural é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Para publicar os livros digitais gratuitamente em português, contamos com doações, prestação de serviços editoriais e de tradução, projetos corporativos e institucionais, leis de incentivo e parcerias com o setor público e privado.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição. Associe-se, divulgue, leia, conte as histórias.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopub.org.br/permissoes

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”.

Obrigado!